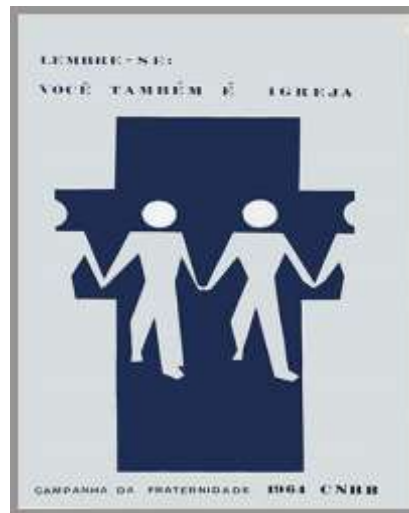


Os 60 anos da Campanha da Fraternidade

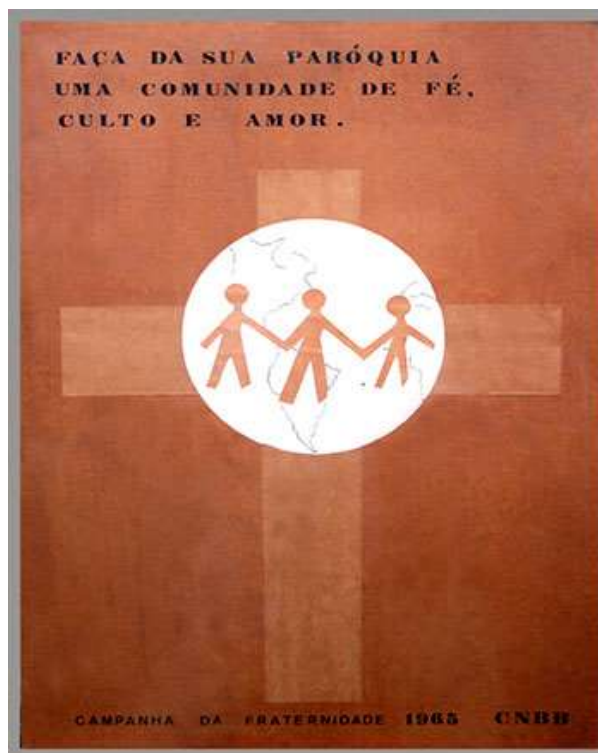


A Igreja chama todos a colocarem seus carismas à disposição da vida pastoral para que possa aparecer no mundo a força, a ação e a transformação que provêm da polifonia Sagrada operada pelo Espírito Santo. A palavra aglutinadora é **união**. A Constituição *Lumen Gentium*, em construção no Concílio, diz que “*todos dão testemunho da admirável unidade existente no corpo de Cristo. Pois a própria diversidade das graças, ministérios e trabalhos, unifica os filhos de Deus.*” (LG, 80).

O que significava a unidade dos cristãos no Brasil de 1964? A concepção de que todos devem agir como irmãos e trabalhar em prol da dignidade. Nesse período, o Estado Brasileiro estava sob o Regime Militar,

“Caracteriza-se pelo elevado grau de autoritarismo e violência... Pela tentativa de controlar e sufocar amplos setores da sociedade civil, intervindo em sindicatos, reprimindo e fechando instituições representativas dos trabalhadores e estudantes, extinguindo partidos políticos, bem como, pela exclusão do setor popular e dos seus aliados da arena política” (GERMANO, 1994, p. 55).

A Igreja, como mãe e mestra, acolhe, educa e une. Nesse clima, chega a quaresma de 1965, e a Igreja, desta vez, volta-se para a renovação da estrutura paroquial.



Esta Campanha chama a atenção para dois elementos: **anúncio** e **testemunho**. Pelo anúncio, deseja reforçar a ideia de que o Povo de Deus tem como rota a mensagem de libertação anunciada por Cristo, e por destino a justiça social. É no encontro da Cruz que se apresenta no cotidiano que os cristãos encontram a força para a unidade. Pelo testemunho, apoia e celebra a luta dos que doam a vida em defesa dos que não têm vez nem voz.

“Vos sois o sal da Terra. Vos sois a luz do mundo” (Mt 5,13). O que significa ser sal da Terra e luz do mundo no Brasil de 1965, quando imperam os *Atos Institucionais nº 01* e depois, *nº 02*? Estes Atos suspendiam temporariamente as garantias da unidade parlamentar e extinguíam os partidos políticos. Nesse momento a Igreja foi chamada a propiciar espaços democráticos e salvaguardar as reservas de cidadania.



Confere-se nesta Campanha um processo contínuo de formação no sentido de **reavivar** a consciência de cidadania. Isso inclui o incentivo à ação comunitária, à luta por melhoria habitacional, por melhoria de saúde e a criação de grupos de jovens. O que significava lutar por cidadania num país que excluía a reflexão de sua agenda política? Significava fortalecer as estratégias do método VER-JULGAR-AGIR para garantir a sobrevivência da educação política.



Os termos fortes dessa Campanha são: **convocar** e **organizar**. As motivações são as grandes marchas da fraternidade e a discussão do contexto social à luz da Palavra de Deus. Que ressonâncias têm essas ações num campo político regido pelo regime militar? Este é o ano da promulgação de uma nova Constituição orientada pelo regime de exceção que traz em sua esteira a lei de censura aos meios de comunicação e a lei de segurança nacional que proíbe manifestações políticas em espaços públicos.



Este cenário convida à **construção do bem comum** que só é possível em comunidade mediante o serviço e o respeito aos pobres. Atualizavam-se assim as recomendações de São Tiago (2,14). *“Se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, de que adiantaria isso? Por acaso a fé pode salvá-lo?”*. Essa mensagem que ecoou na Igreja do Brasil num dos anos mais duros da repressão militar, também contribuiu para que os participantes da Conferência episcopal ocorrida na cidade de Medellin, na Colômbia, proclamassem a opção da Igreja pelos pobres. Grande testemunho da Igreja na América Latina! Que convicção assumir a voz do Cristo *“Felizes de vocês os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence (Lc 6,20)”*.



Ao olhar o cartaz desta Campanha e revisitar seus subsídios, tem-se a convicção de que, em meio às divergências de opinião entre os chamados conservadores e progressistas, sobressai o gesto do **estender a mão**, cumprindo a recomendação: *“o meu mandamento é este: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”* (Jo 15,12). Se no campo política ainda persistia a caça aos subversivos, dentro da Igreja, o esforço era o de retomada da unidade.



A palavra **participação**, às vezes desgastada pela repetição, adquire sentido pleno no arregaçar das mangas. Sugere **zelo** e **cuidado**; **trabalho** e **empenho**. É um convite às famílias, aos jovens, aos trabalhadores à disposição ao serviço. A exemplo da parábola do bom samaritano, é preciso saber cuidar do outro, mesmo diante das divergências de ideias de credo ou nacionalidade.

1970 é o ano da euforia ocasionada pela conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção brasileira. Uma onda de alienação teima em pairar na sociedade. As pessoas e as instituições são chamadas a uma adesão irrefletida aos grandes clichês de “Ordem e Progresso”; “Brasil: ame-o ou deixe-o”, “Pra frente, Brasil”, entre outros. Muitos são os perseguidos políticos e exilados. À Igreja coube mergulhar no escuro dos tempos para reacender fachos de reflexão e incentivo à participação política.

Nesse ano a Campanha passou a receber uma carta de Sua Santidade o Papa, exortando o povo brasileiro (Igreja no Brasil) à caminhada quaresmal em preparação para a páscoa de Jesus Cristo e dando o seu contributo em relação ao tema proposto pela CF, o que se tornou uma tradição na sua abertura.

Carta De Sua Santidade o Papa Paulo VI

Diletos filhos do Brasil:

De bom grado acedermos ao convite para abrir, este ano, mais uma Campanha da Fraternidade, no vosso País. Ela irá, nesta Quaresma, interpelar a opinião pública brasileira e animar atividades catequéticas e litúrgicas. O ideal a prosseguir, indicado na Nossa encíclica *Populorum Progressio* e insistentemente proclamado pela reevocação da Páscoa (passagem) do Senhor entre nós, é o de chegarmos todos, cada vez mais, a reconhecer, na família humana, aquela igualdade fundamental de que, por vontade do Criador, são dotados os seus membros.

A isso nos impele o amor que nos mostrou o Pai, em querer que sejamos todos chamados filhos de Deus e que, na realidade, o sejamos. Disso nos persuade o exemplo de Cristo: de condição divina como era, ele quis tornar-se escravo, para que nós tivéssemos a vida e a tivéssemos em abundância (Jo 10,10). A nossa própria condição de homens, finalmente, nos obriga a participar numa solidariedade e numa responsabilidade de família mundial.

Ora, isso comporta: o ser sempre o “bom samaritano”, o identificar-se, à imitação do Senhor Jesus, com todo aquele que precisa de nós, para ajudá-lo e promovê-lo, humana e religiosamente, com respeito pela dignidade e liberdade; e ter coragem para recusar a passividade, perante os males que oprimem os irmãos, e para combater, em nós e à nossa volta, hábitos e atitudes discriminatórios. Comporta também o exercer, num justo equilíbrio da fortaleza e da prudência cristãs, a caridade apta para eliminar a injustiça de situações socioeconômicas desumanas e toda a espécie de guerras fratricidas; numa palavra: o contribuir para que se dêem as mãos, as pessoas, os grupos sociais e as nações, para a Paz de Cristo, no Reino de Cristo.

A tudo isto sirva, na diletta Nação Brasileira, a presente Campanha da Fraternidade. Com votos pelas prosperidades crescentes e irmãmente desfrutadas por todos os seus filhos,
a Nossa Bênção Apostólica.



A mensagem de **reconciliação** assume o entendimento de que o perdão ao outro é mais urgente que a oferta no altar. Durante esse tempo, cantou-se: “Não basta sete vezes perdoar/ mas, setenta vezes sete, sem contar”. (Mt 18,21). Ensina-se que a capacidade de perdoar não tem limites e que o perdão é uma atitude política que pressupõe **conversão** e **transformação**.

Este é um difícil momento político. Na pauta das discussões está a Lei de Reforma da Educação Brasileira que objetiva formar cidadãos dóceis ao regime político vigente. As forças de resistência

parecem quase vencidas. Em resposta, a Igreja lança mão de uma outra estratégia de evangelização: reforçar valores éticos também no espaço escolar.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Amados filhos do Brasil:

Com alegria vos falamos, através desta cadeia televisiva, que atesta o vosso progresso tecnológico, depois que o último censo nacional confirmou, serdes em número, um dos maiores países do mundo.

Nesta hora, porém, a Campanha da Fraternidade, que parte para mais uma arrancada, entende interpelar cada brasileiro, herdeiro da longa e gloriosa tradição cristã.

Portanto, só uma vida plenamente humana para todos, baseada na verdade, na justiça e na paz, iluminada pelo amor que Cristo nos ensinou, consolidará a prosperidade comum, em que todos os cidadãos têm a sua quota-parte, como direito e como dever.

A Igreja “não deixa de esperar num mundo mais fraterno”. Para isso, ouvindo a sua voz, temos de percorrer, entre outros, o caminho da reconciliação: reconciliar-nos com Deus, pela fé, e com todos aqueles com que o Cristo das bem-aventuranças quis identificar-se, pelo amor. E isto, confortados sempre pela esperança no Cristo da Reconciliação final de todas as coisas em Si, que nos dirá: “o que fizestes a um destes meus irmãos, mais pequeninos, a Mim o fizestes”.

Em particular, reconciliamo-nos com os que não sabem ler nem escrever e não possuem a consciência da própria dignidade de homens e de filhos de Deus. Nada aproveita deter-se a perguntar de quem é a culpa: se deles mesmos, se das condições adversas em que transcorre a sua vida. Eles são aos milhões, ao nosso lado.

Sejamos generosos, pela única maneira eficaz de os ajudar: alfabetizando-os, conscientizando-os, com espírito evangélico.

Cada um, isolado, poderá fazer pouco; mas, todos unidos, confiantes em Deus e movidos pelo amor cristão, empenhados nesta causa grandiosa, faremos muito.

Eis o chamamento que vos faz a Igreja, por Nós, quando vos convoca para mais uma etapa da Campanha da Fraternidade.



A Campanha de 1972 apresenta o Cristo como modelo de **disponibilidade** por excelência. É tempo de aprender com o Cristo a semear boas sementes. Canta-se: “Vamos servir. Jesus manda servir”. Lê-se: o serviço é a “semente que caiu em terra boa” e, por isso, rende 100, 60 e 30 frutos por um. (Mt 13,8). Com esse tema, conclui-se o ciclo conhecido como Primeira Fase da Campanha da Fraternidade. Durante esses 11 anos a Igreja tratou de reestruturar-se à luz das orientações do Vaticano II e da Conferência de Medellín.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Amados filhos do Brasil:

Mais uma vez estamos convosco, ao começar nova fase da CAMPANHA DA FRATERNIDADE, no vosso imenso e belo País.

Sentimo-Nos felizes neste encontro!

Ele se realiza em Cristo: por ele, nos tornamos filhos de Deus; com ele, e em seu nome, queremos contribuir para um mundo mais fraterno; e por isso, nele nos achamos hoje unidos, em virtude do amor do seu Espírito, que nos foi dado.

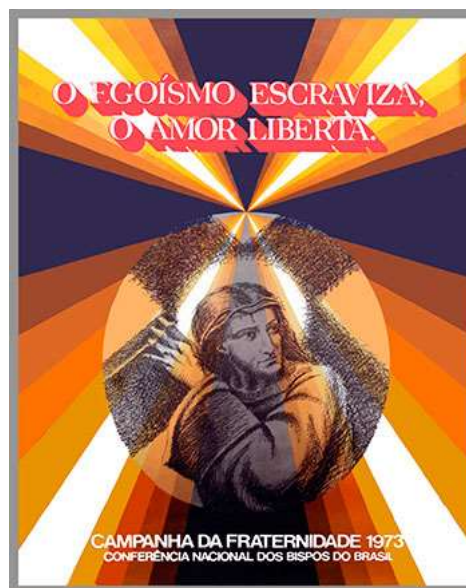
Com ele, por ele e nele, vos saudamos com afeto, rendemos graças ao Pai que está nos céus, e lhe pedimos luzes e calor para os trabalhos e iniciativas desta Campanha, que se propôs o tema auspicioso: “DESCUBRA A FELICIDADE DE SERVIR”.

E como servir? — Imitando Cristo e observando o “mandamento novo” que dele recebemos: “Quem ama a Deus, ame também o seu irmão”, demonstrando-lhe esse amor por todos os meios ao seu alcance. E isso exige renúncia, identificação, de algum modo, com a pessoa amada, e muita generosidade.

Depois, considerai o que o mesmo Cristo ensina, sobre aqueles a quem devemos servir e que encontramos por toda a parte — nas cidades, nos campos, nos subúrbios e nas favelas: eles são os “mais pequeninos”, a estender-nos a mão, a solicitar a nossa ajuda e o nosso amor. Mas têm uma dignidade, que há de ser respeitada: “o que fizestes a um destes meus irmãos, mais pequeninos, a mim o fizestes”.

E nós, cristãos, se queremos descobrir e viver com Cristo a felicidade de servir, temos que morrer com Cristo para o individualismo, para o egoísmo e para o isolamento, a fim de ressuscitar com Cristo, para as alegrias da Páscoa:

“Fazei-vos servos uns dos outros, pela caridade”.



O objetivo geral: ser um movimento de evangelização extraordinária e maciça, um privilegiado momento de unidade pastoral em todos os recantos do País.

O tema e o lema expressam os termos de Medellín e a necessidade da descoberta do outro, mas o objetivo geral continuou voltado para uma visão institucional da Igreja, preocupada com a sua ação e deixando de lado a necessidade da transformação da realidade. O modelo libertação e o modelo de Igreja serva podem ser percebidos no tema e no lema, porém não aparecem no desenvolvimento da Campanha.

A Campanha da Fraternidade de 1973 aponta “a conversão ao evangelho como caminho de libertação”. O documento também explica por que a Campanha acontece na Quaresma e como pode ser o gesto concreto: a coleta.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Caríssimos filhos e filhas:

Na perspectiva da Páscoa do Senhor, vai iniciar-se a Campanha da Fraternidade — 1973. Com ela, como de há dez anos a esta parte, procura-se animar cristãmente a Quaresma nesse dileto País, interpelando os fiéis brasileiros, para que a sua aprofundada conversão, por um maior empenho na oração e na penitência, desabroche em generosa solidariedade, interesse apostólico e gestos concretos de caridade.

Que o Deus da paz, a todos torne aptos, com toda a espécie de bem, para cumprirem a sua vontade, por Jesus Cristo, ao qual seja dada Glória! (cf. Hb 13,20-21)

“O egoísmo escraviza, o amor liberta”: foi o tema bem escolhido, para o diálogo, a reflexão e as preces dos filhos da Igreja, empenhados, com o fim de bem e para edificação dos irmãos, na vivência e testemunho do Mistério Pascal, ou do sumo amor de Deus para os homens, concretizado em Cristo, Redentor e Salvador.

Amor que liberta: realidade, promessa e esperança, na primeira Páscoa, vivida pelo Povo eleito, durante e após dura provação. Ela o marca e o faz renitente ao apelo divino para o diálogo amoroso, traduzido em vida. E Moisés tem de lhe explicar: “Não temais, pois Deus veio para vos provar..., para que não pequeis” (Ex 20,20).

Sim, o pecado: ele é mau uso e perda da autêntica liberdade, frente a Deus e aos outros. De fato, “foi para que fôssemos livres, que nos libertou Cristo” (Gl 5,1), homem perfeito e sem pecado. Com a sua vida, morte e ressurreição, Ele veio inaugurar a Nova Lei, ou “lei da liberdade”, cujo código enuncia com simplicidade, confirma e aperfeiçoa, com o “mandamento novo”.

“O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor; ama-o, portanto, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças... E ama ao próximo, como a ti mesmo”. Este amor “vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios”; e quem o vive “não está longe do Reino de Deus” (cf. Mc 12,29-34); para nele entrar, falta-lhe apenas aceitar e observar o “mandamento novo” - amar, como Cristo nos amou, e amou a inteira família humana.

Para tanto, Ele “não procurou o que lhe era agradável” (Rm 15,3), porque o egoísmo escraviza; mas, tendo arriado, amou até ao último sinal: dar a vida por aqueles a quem amava. É assim o amor que liberta.

E foi na base deste amor que Ele estabeleceu o seu Reino, destinado, segundo o desígnio divino, a desenvolver-se cada dia, até à consumação final, em todas as suas dimensões: graça, justiça, solidariedade fraterna e paz. E isso, pelo poder de Deus e pelo poder comunicado aos seus discípulos, assumidos doravante como “instrumentos de redenção universal”: “Eu deixo-vos o exemplo, para que, como eu fiz vós façais também” (Jo 13,15).

Grandioso e belo é, pois, o programa traçado pela Campanha da Fraternidade – 1973; mas, ao mesmo tempo, exigente: abnegar-se a si mesmo, porque o egoísmo escraviza; e, com santidade de vida, atuar o amor que liberta, em si e no próprio ambiente, de mãos dadas com todos os irmãos de boa vontade, de modo paciente, benigno, desinteressado, corajoso e positivo.

Programa para todos, sem exceção, ele faz um apelo particular à generosidade dos jovens brasileiros: que todos saibam, portanto, responder-lhe, ao afirmar a própria fe no Ministério Pascal, com um amor como o de Cristo. Este amor encerra o gérmen da integral verdade humana, que torna livres os que a seguem e lhes proporciona as alegrias da comunhão no triunfo da Ressurreição com Cristo.

Oxalá sejam estes os sentimentos que suscite e os frutos que faça brotar em todos os comprometidos e interpelados, a Campanha da Fraternidade: é o que instantaneamente pedimos a Deus, ao conceder aos Veneráveis Irmãos Bispos e a todos os amados filhos da dileta Nação brasileira,

a Nossa Bênção Apostólica.



O objetivo geral ainda não é expresso de uma forma técnica, iniciando com um verbo no infinitivo e expressando a finalidade e a metodologia, mas expressa ideias e conceitos. A Campanha de 1974, tanto o tema como o lema remetem para a realidade do outro, enfatizando os elementos marcantes dessa realidade e um caminho de superação através de um modelo de Igreja serva expressa como “modernos samaritanos”. O Concílio Vaticano II começa a influenciar a Campanha da Fraternidade não mais como uma necessidade institucional, mas a partir de um modelo de Igreja que passa a ser colocado em prática.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Caríssimos filhos e filhas:

Sob o auspicioso tema “reconstruir a vida”, apresenta-se o Brasil católico para dar início a mais uma Campanha da Fraternidade, nesta Quaresma de 1974. Acedemos, com prazer, ao convite para nos afirmar espiritualmente presente aos veneráveis Irmãos Bispos e aos queridos Filhos brasileiros, a fim de encorajar e abençoar a nova fase da iniciativa, que, além do mais, vai comemorar o seu décimo aniversário.

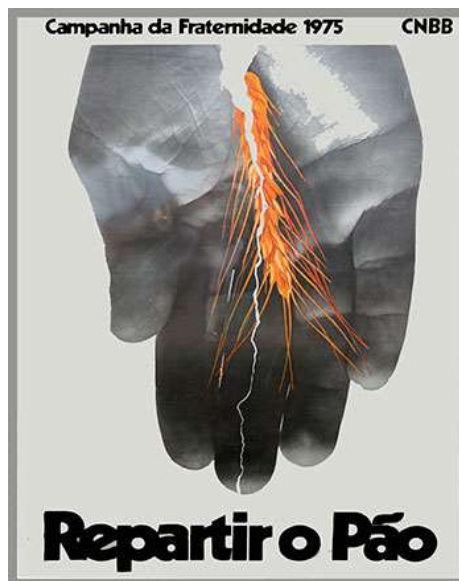
Dez anos, de experiência feitos, são motivo, antes de tudo, para dar graças a Deus e congratular-nos, todos, em Cristo: a Campanha da Fraternidade parece ter lançado raízes fundas, que, ciclicamente, desabrocham em “privilegiado momento de unidade pastoral”, na obra comum da evangelização desse dileto País, e no promover gestos concretos de caridade.

“Eu vim para que tenham a vida e a tenham abundantemente” (Jo 10,10): é no prolongamento de Cristo, cada um com a própria condição eclesial de “enviado”, que todos os fiéis interpelados pela Campanha da Fraternidade deste ano vão responder, leal e corajosamente, à pergunta que lhe serve de reclamo — “onde está teu irmão?”. Tema sugestivo, sempre atual e de suma importância, este da vida integral e em plenitude, em nós e nos nossos semelhantes, como algo por que fomos responsabilizados ao nascer na família humana, que Deus quis fosse uma só, e ao renascer para a “vida nova” pelas águas lustrais do Batismo, na “Família de Deus”.

Vida em plenitude, natural e sobrenatural, destinada a todos e a cada um dos homens, desde o “marginal” e pobre envergonhado, até o meu par e o meu superior, passando pelo nascituro, pelo doente ou diminuído físico e psíquico, pelo faminto do pão imaterial e espiritual, pela vítima de injustiças ou violências etc. Por todos eu sou responsável (cf. Mt 25,34-46), em alguma medida, pois por desígnio divino todos são meus irmãos, e em todos eles Cristo me faz um apelo — a sua vida também depende de mim.

Oxalá que no querido Brasil, jovem e imenso, esta Campanha da Fraternidade leve todos e cada um dos seus filhos a ver e a iluminar com a luz da fé “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável” (Fl 4,8), para, animados pela esperança, serem autênticos “reconstrutores de vida” a

todos os níveis; de uma vida plena que há de ser compartilhada abundantemente, em amor, como irmãos, sob o olhar complacente do Pai que está nos céus:
com a Nossa Bênção Apostólica.



O objetivo geral: A fraternidade entre os brasileiros, desde os que convivem na mesma comunidade local, até os distantes, dos quais conhecemos só as carências. Esta fraternidade deriva do amor a Deus, Pai comum, e do exemplo heroico de Cristo, morto por todos. Trata-se de uma fraternidade afetiva e efetiva, que terá inúmeras formas de expressão, mas que deverá levar a atitudes concretas e sinceras. Fraternidade é repartir.

A Comunidade e a fraternidade, afetiva e efetiva, devem expressar-se em atitudes que superem as carências. Assim, vemos o modelo de Igreja servir continuamente presente e começa a ser levado em consideração o modelo de Igreja comunidade, preparando caminho para a Campanha de 1976. Dar e receber. O pensamento “ninguém é tão pobre que não tenha algo a repartir e ninguém é tão rico que não precise de algo” resume bem o conteúdo da CF de 1975.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Caríssimos filhos e filhas:

“Pobres sempre os terei convosco” (Jo 12,8). Estas palavras de Cristo aos Apóstolos encerram um profundo significado. Parece quase poderem interpretar-se como se os esforços da caridade cristã e da justiça humana estivessem destinados a ficar sempre baldados. E um relance global sobre o panorama dos nossos tempos, não parecerá confirmar isso mesmo? Apesar de se nos afigurar que dispomos de todos os meios de combater a pobreza, continuamos a ouvir notícias de guerras, de carestias e de desolações. Mas, para um cristão, o fato de tais situações se repetirem continuamente não significa que elas sejam inelutáveis. Antes, pelo contrário, o cristão entende as palavras de Cristo no sentido de que nenhum dos seus seguidores pode ignorar o fato de que o próprio Jesus se identificou com os pobres. Até o fim dos tempos, os pobres estarão “com” Jesus. Eles são os seus parceiros, os secos companheiros, seus irmãos e irmãs. O cristão, precisamente por ser cristão, deve colocar-se ao lado dos desprovidos. Deve pôr o melhor do seu empenho em assisti-los nas suas necessidades mais urgentes. Não pode fugir de comprometer-se para os ajudar pelos meios ao seu alcance, para a edificação de um mundo melhor, de um mundo mais justo.

A Quaresma é um tempo muito propício para este exercício da abnegação, porque recorda aos cristãos quem eles são. Põe-nos de sobreaviso contra o sentir-se satisfeito em levar uma existência cômoda e contra a tentação de viver na opulência. Neste Ano Santo, que é dedicado ‘a reconciliação, todos e cada um hão de sentir-se interpelados por aquilo que a mesma reconciliação implica: dar e compartilhar no seio da família humana. Efetivamente, se cada um procurar que os seus irmãos e irmãs possam entrar a ter parte na própria vida, se compartilhar com eles os

próprios bens, e não apenas as sobras, terá superado os múltiplos obstáculos que se opõem à reconciliação e chegará através do desapego à renovação.

Este Ano do jubileu exige de nós um testemunho de total solidariedade coai aqueles com os quais Cristo, de modo particular, quis identificar-se. Isso constituirá uma das provas mais significativas que podemos dar aos nossos irmãos e irmãs para demonstrar que este ano é “santo” para todos os homens.

Sim: é isto precisamente o que vos pedimos hoje, ao iniciar-se a Quaresma, uma solidariedade autêntica, uma solidariedade concreta, com os pobres de Cristo, *e pedímo-lo em nome do Senhor Jesus.*



O objetivo geral: Insistir na ideia de comunidade, dizendo sempre de novo e de muitas maneiras que só seremos irmãos, se nos convertermos em comunidades vivas... O ser humano precisa da comunidade, tende para a comunidade, personaliza-se na comunidade... Queremos rever as diversas comunidades, que devemos formar e integrar: a Família, a Escola, a Comunidade Civil e Política, a Empresa, a Paróquia, a Comunidade Eclesial de Base...

Na campanha de 1976 encontramos no tema, no lema e no objetivo geral uma eclesiologia bem definida: Igreja comunhão. Esta foi a primeira campanha que conseguiu agir além das fronteiras da Igreja, tendo grande repercussão. Foram compostas músicas populares sobre ela. As músicas de ofertório (Sabes, Senhor) e comunhão (É bom estarmos juntos) são cantadas com entusiasmo até os nossos dias.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Amados Filhos:

No momento em que estamos ainda impregnados do espírito e das graças do Ano Santo, eis abrir-se à nossa frente o tempo litúrgico da Quaresma; tempo sobremaneira oportuno para um aprofundamento espiritual em que todos e cada um são chamados a interrogar-se na oração e a agir.

Façamos, antes de mais, entrar em nós a verdade, a fim de rios prepararmos para reviver com a Igreja os Mistérios de Cristo sofrido, morto e ressuscitado por ela e por todos os homens.

É por isso, amadíssimos Filhos, que Nós “vos exortamos a não receberdes em vão a graça de Deus” (2Cor 6,1), que é Amor e dom de si; e queremos repetir-vos a recomendação que apresentávamos como uma das conclusões do Ano Santo: “...Amai-vos uns aos outros, Irmãos! Amai os homens que têm necessidade do vosso amor e do vosso serviço (cf. 1 Jo 4,19-21). Tem de ser a caridade fraterna e social, reavivada e multiplicada nas boas obras, que há de dar testemunho, não apenas da nossa fidelidade devotada ao Ano Santo, mas igualmente da sua fecundidade e atualidade, também no decorrer dos anos vindouros...”

Assim para participar da instauração da Justiça e para que o Evangelho do Amor possa ter as suas testemunhas, procurai compartilhar aquilo que possuíis com os que vos rodeiam: o verdadeiro pobre descobre sempre alguém mais pobre do que ele. Depois, procurai tomar parte na entre ajuda das Igrejas unias às outras, respondendo ao apelo que vos for feito, como sói acontecer anualmente, a fim de auxiliar aqueles que, longe de vós, sofrem a fome e a miséria.

E então, purificados e generosos, estareis prontos para vos arraigar numa vida Pascal, uma vida segundo o espírito do Senhor Ressuscitado.

É com esta esperança, amados Filhos do mundo inteiro, que vos abençoamos, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.



O objetivo geral: “Os órgãos competentes da CNBB escolheram como tema da próxima CF o seguinte: ‘Fraternidade e Família’. Isto quer dizer que a próxima Campanha procurará, por todos os meios, promover os valores da família e curar suas feridas. De maneira especial, será posta em relevo a influência que tem a Família sobre a verdadeira fraternidade entre os homens”.

O tema da Campanha foi escolhido por causa da discussão da Lei do Divórcio e sua consequente aprovação. Por isso, a CF de 1977 procura “apontar os verdadeiros remédios contra o divórcio e a desagregação da família”.

Carta de Sua Santidade o Papa Paulo VI

Amados Filhos e Filhas:

Dentro em breve está a fazer dez anos que a Nossa Encíclica *Populorum Progressio*, sobre o desenvolvimento dos povos, foi como que um “grito de angústia, em nome do Senhor”, lançado às comunidades cristãs e a todos os homens de boa vontade. Hoje, neste início do tempo litúrgico da Quaresma, Nós desejaríamos fazer ressoar de novo esse apelo solene. O Nosso olhar e o Nosso coração de Pastor universal, de fato, continuam a ser profundamente impressionados pela multidão imensa daqueles que todas as Sociedades do mundo deixam à beira do caminho, feridos no corpo e na alma, despojados da sua dignidade humana, sem pão, sem voz, sem defesa e sozinhos no infortúnio.

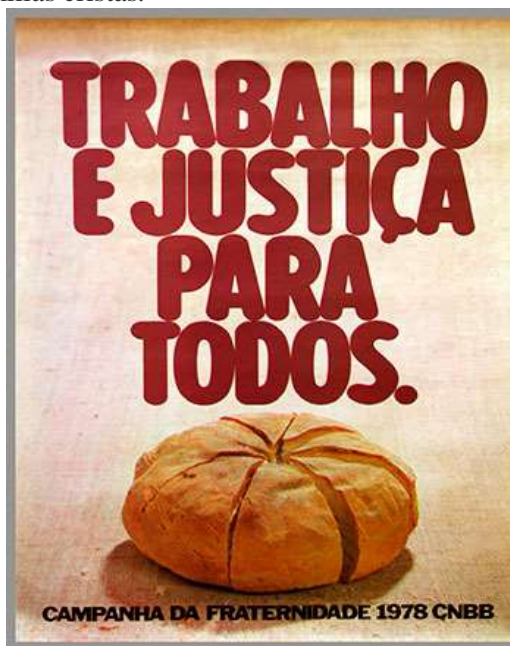
Experimentamos dificuldades, é certo, em compartilhar aquilo que nós possuímos, com o fim de contribuir para o desaparecimento das desigualdades de um mundo tornado injusto. E no entanto, as declarações de princípios não bastam. É por isso que é necessário e salutar recordar-nos de que somos administradores dos dons de Deus e de que “a penitência do tempo da Quaresma deve ser, não apenas interna e individual, mas também externa e social” (SC, 110).

Ide junto do pobre Lázaro que sofre fome e miséria. Tornai-vos o próximo dele, afim de que ele reconheça no vosso olhar, o olhar de Cristo que o acolhe, e nas vossas mãos, as mãos do Senhor a repartir os seus dons. Respondei deste modo, com generosidade, aos apelos que vos irão ser dirigidos nas vossas Igrejas particulares, para aliviar os mais deserdados e para participar no progresso dos povos mais desprovidos de bens.

Nós queremos lembrar-vos as palavras do Senhor Jesus, que o Apóstolo São Paulo conservou como algo precioso, para acudir aos fracos: “há mais felicidade em dar do que em receber” (At 20,35). E exortamo-vos a todos, amados Filhos e Filhas, a purificar assim os vossos corações,

para acolherem as próximas celebrações pascais e anunciarem ao mundo a jubilosa nova da Salvação.

E aos diletos Irmãos e Filhos do Brasil, onde hoje se abre mais uma Campanha da Fraternidade, centrada este ano no bem atual tema “FRATERNIDADE E FAMÍLIA”, diremos ainda: cada um “comece em sua casa”, a ouvir o Nosso apelo! Os pais encaminhem os filhos, desde a infância, para o conhecimento do amor de Deus a todos os homens: ele os quer numa só família, tratando-se com espírito fraterno. Que pelo exemplo da vida vivida, ilumine os lares brasileiros o sentido do amor e o cuidado das necessidades espirituais e materiais do próximo; e que esta luz faça desabrochar frutos sazonados nas almas em flor de um País jovem, garantindo aí o porvir das tradicionalmente boas famílias cristãs.



O objetivo geral:

Esta Campanha inaugurou a era do Texto-base e o método Ver-Julgar-Agir,[1] com a finalidade de provocar muitos e salutareos gestos concretos. A coleta financeira passou a ser preparada e realizada, como uma nova e permanente atitude de caridade, solidariedade e justiça. A coleta foi destinada para a promoção do trabalhador. Esta Campanha também foi um esforço para reanimar a Pastoral do mundo do Trabalho.

A partir dessa Campanha, a CNBB passa a contar com a participação de peritos e agentes de pastoral num seminário que segue o método Ver-Julgar-Agir para elaborar o texto-base da Campanha da fraternidade, que passa a ser o instrumento para a elaboração de todos os subsídios.

Carta de sua Santidade o Papa Paulo VI

Amados Irmãos e irmãs:

Mais uma Campanha da Fraternidade se abre no Brasil, com a Quaresma, “tempo favorável” para atender melhor ao amor de Deus, Pai solícito, e ao amor dos homens-irmãos, que devem formar uma só família.

Impressiona a vivência de tal amor na Igreja primitiva: “como uma só alma e um só coração” (At 4,32), os fiéis, amando a Deus — dizemos na Mensagem a toda a Igreja para esta Quaresma — espontaneamente observam o princípio: “os bens deste mundo estão destinados pelo Criador para satisfazer as necessidades de todos”.

Nós somos estafetas da “luz” do mesmo amor, para os homens de hoje, “todos destinados a participar do Ministério da Cruz e da Ressurreição de Cristo”; eles esperam, em apelos prementes, pelo “testemunho”, a fim de que, “vendo as nossas boas obras, glorifiquem o Pai que está no céu” (Mt 5,16), pela descoberta de Cristo, no autêntico amor fraterno.

Tais apelos prementes se elevam também, característico “sinal dos tempos”, do mundo do trabalho. Bem se andou, pois, em dar à Campanha deste ano como tema, a FRATERNIDADE NO MUNDO DO TRABALHO, como o mote “trabalho e justiça para todos”.

Sim: é impressionante, hoje, o número dos sem-trabalho e o daqueles que, trabalhando, sofrem por falta de justiça.

Por quê? — Ao buscar uma resposta, um elemento nos parece sobrepujar os demais: pela falta do sentido de Deus, que “é amor”, e consequente precariedade do amor humano, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama... conhece a Deus” (1 Jo 4,7). Depois, sabemo-lo, a justiça só pode prosperar numa atmosfera de amor, a ditar a participação, a compartilha fraterna e a construção de um mundo mais humano e conforme aos desígnios do Criador.

Que para isto seja frutuosa vossa Campanha da Fraternidade, com as graças divinas que imploramos, ao abençoar-vos a todos,

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

“Basicamente a ecologia conclama todos a uma nova mentalidade. Trata-se de superar o egoísmo, a ganância de possuir mais a qualquer preço. Trata-se de ser escrupulosamente preocupado em preservar e conservar o ar, a água, a flora e a fauna que são elementos necessários ao próximo. Trata-se de readquirir o carinhoso respeito e a contemplativa admiração em face às belezas da natureza”.

A grande novidade desta Campanha foi ter discutido, em âmbito nacional, um assunto que nunca tinha sido abordado antes. Trouxe uma série de dificuldades e incompreensões, mas o seu caráter profético ficou evidente. Ainda hoje não existe unanimidade no que diz respeito às questões relacionadas com o meio ambiente, mas também é verdade que existe uma consciência muito grande sobre a importância desse assunto e este é o grande mérito da Campanha de 1979.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos irmãos e irmãs do Brasil:

“Para um mundo mais fraterno”, cada um “preserve o que é de todos!” Com este lema se abre entre vós mais uma Campanha da Fraternidade para o tempo litúrgico da Quaresma, cujo sentido autêntico a Igreja toda, com Mensagem hodierna, foi exortada a revitalizar. Quaresma não quer dizer apenas privar-se, jejuar, ou abster-se de alguma coisa. Seria pouco, quando tantos homens, nossos irmãos, vítimas de guerras, de catástrofes ou de outros males, sofrem de modo atroz, física e moralmente. Com a ascese pessoal, sempre necessária e dever do batizado, viver a Quaresma é privar-se, sim, mas para dar. Dar, antes de mais, um testemunho de conversão pessoal e coletiva,

aos olhos do mundo: “todo o Povo de Deus, porque pecador, precisa preparar-se, pela Penitência, para reviver liturgicamente a Paixão Morte e Ressurreição de Cristo”.

Dar, depois, mostras dessa conversão ao amor de Deus com gestos concretos de amor ao próximo. Este ano, as vossas Comunidades eclesiais, sincronizadas, vão orientar e animar a vossa Penitência Quaresmal, em vista da preservação do ambiente natural e humano, patrimônio comum. Isto é condição de vida, fator de progresso integral e manifestação do sentido de família entre os homens, e daquele amor que cria solidariedade, fraternidade e paz, de acordo com os desígnios de Deus.

Para tanto, há que renovar ou criar uma mentalidade, educar-se e educar constantemente para o amor cristão da natureza, para louvar a Deus Criador — como São Francisco de Assis — para o bem comum e para se libertar pessoalmente de tudo o que escraviza e impede afirmar-se em nós e à nossa volta a plenitude da Salvação de Cristo (cf. Cl 1,16-20).

Respondi ao apelo, Irmãos e Irmãs, antes que seja demasiado tarde. Cada um, com espírito de Penitência quaresmal, “preserve o que é de todos para um mundo mais fraterno”. E eu vos abençoo,

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.



O objetivo geral:

“A intensificação da mobilidade humana em geral e mais particularmente das migrações internas, a existência de imigrantes e mesmo a emigração de brasileiros propõem à Igreja, como primeira atitude, uma mudança de mentalidade em vários níveis:

1. consciência mais viva de sua peregrinação na Fé para a Jerusalém Celeste (Hb 13,14) com as suas consequências de desapego e de disponibilidade;
2. consciência mais viva de sua “catolicidade”, isto é, da universalidade radical que o Evangelho lhe confere: já não há estrangeiro ou hóspede, nem discriminação de espécie alguma, sob pena de mortificar a própria noção de Igreja e esvaziar o conceito cristão de fraternidade;
3. um despertar de sua dimensão missionária que é a essência da “missão” que o Senhor lhe confiou (Mt 28,19-20);
4. uma adaptação das estruturas eclesiais e de sua ação pastoral e social, a fim de que seu serviço seja testemunho e profecia da verdadeira libertação e promoção do homem”.

A Campanha mostrou o vínculo entre a Eucaristia e a vivência da caridade. Como podemos ler o Papa João Paulo II destacou esse ligame necessário. A população migrante no ano de 1980 era estimada em 40 milhões de habitantes, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desta forma, um em cada brasileiro, em média, estava na condição de migrante.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

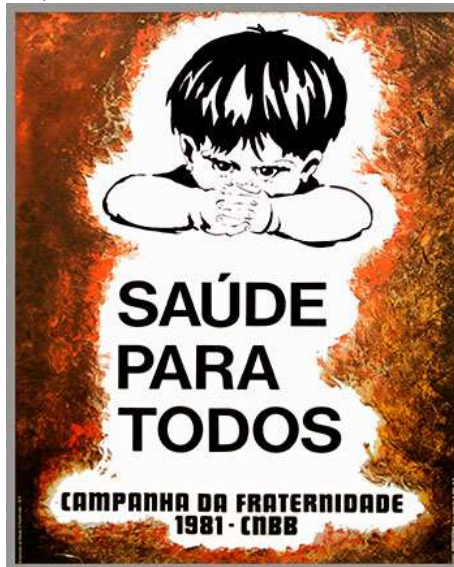
Caríssimos Irmãos e Irmãs do Brasil:

Saúdo-vos cordialmente, em Cristo Senhor, ao abrir-se mais uma Campanha da Fraternidade no vosso país. Subordinada ao tema das Migrações, inspira-a o lema-interpelação “para onde vais”, subentendida a dolorosa resposta, que é um grito de alma: “não temos vagas”.

Vem-me à mente o episódio evangélico do homem paralítico, junto a uma piscina, em Jerusalém: Jesus passou e, vendo-o, lhe perguntou se queria ser curado; e ele respondeu: “não tenho ninguém”, quer dizer, não tenho um “homem” que me ajude. E Cristo ajudou-o, curando-o.

Converter-se é buscar a atitude de encontro com Deus e de encontro dos corações, no amor, com o próximo, a determinar a partilha dos bens com os menos favorecidos das nossas sociedades, com aqueles que, por diversos motivos, não podem continuar a viver na sua terra, e têm de partir, muitas vezes sem saber para onde.

Bem se andou, depois, ao estabelecer a relação entre a desejada fraternidade no mundo das migrações e a Santíssima Eucaristia, na perspectiva do Décimo Congresso Eucarístico Nacional do Brasil. A Eucaristia, de fato, enquanto “sacramento de piedade, sinal de unidade e vínculo de caridade”, é o centro propulsor do espírito comunitário cristão, que determinará as várias obras de amor fraterno, auxílio mútuo, testemunho cristão e atividade evangelizadora. 1980



O objetivo geral:

“Todo empenho na melhoria das condições de saúde do povo, que se pode traduzir em múltiplas e generosas ações pessoais e comunitárias de pequeno ou grande alcance, deve estar orientado para:

- 1 – Aprimoramento da organização política do país com o objetivo de permitir a livre expressão dos interesses e necessidades de todos os grupos sociais;
- 2 – A distribuição equitativa dos benefícios econômicos decorrentes do desenvolvimento do país;
- 3 – A melhora das condições de vida e trabalho, compreendendo-se aqui, em primeiro lugar, o atendimento às necessidades básicas de alimentação, habitação, vestuário, educação, higiene, transporte e segurança;
- 4 – A ampliação dos serviços de saúde e a correção de suas distorções, no sentido de uma adaptação às necessidades prioritárias da maioria da população. Para tanto, são indispensáveis: participação real do povo – segundo as formas convenientes e as instâncias devidas – no planejamento, administração e execução das políticas oficiais de saúde em nível nacional, estadual e municipal; a valorização efetiva dos recursos locais disponíveis na busca de solução para os problemas de saúde das comunidades; a hierarquização mais racional e justa na destinação dos recursos públicos para a saúde, privilegiando a assistência preventiva sobre a curativa; a reorientação da Central de Medicamentos, visando a uma solução para o problema dos remédios necessários à grande maioria do povo”.

A CF de 1981 denuncia o descaso com que a população pobre é tratada na área de saúde no Brasil. Um dos elementos marcantes desta campanha foi analisar e refletir a saúde a partir de uma conjuntura maior que implica na discussão da democracia participativa, da justiça social, da discussão sobre a qualidade de vida e algumas questões mais concretas como transporte, segurança e lazer.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amadíssimos Irmãos e Irmãs:

Abre-se hoje mais uma Campanha da Fraternidade no Brasil. Estão vivas ainda no meu espírito, em saudade, as imagens — sobretudo dos queridos jovens — a chamarem ao Papa seu irmão, quando visitava o vosso País. Isso dava a entender que os brasileiros se sentem irmãos entre si. A fraternidade, porém, é algo vivo, a ser feito continuamente. Donde, a oportunidade desta Campanha, cujo “slogan” me sirvo para vos saudar cordialmente: “SAÚDE PARA TODOS”, com graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo!

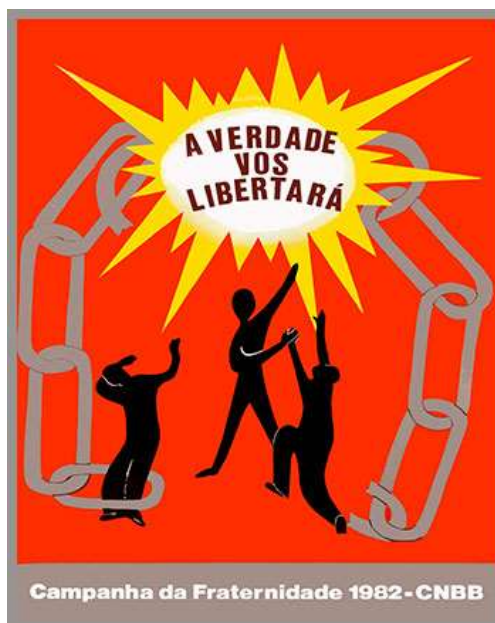
A boa saúde, sabemo-lo, não é apenas ausência de doenças: é vida plenamente vivida, em todas as suas dimensões, pessoais e sociais. Como o contrário, a falta de saúde, não é só a presença da dor ou do mal físico. Há tantos nossos irmãos enfermos, por causas inevitáveis ou evitáveis, a sofrer, paralisados, “à beira do caminho”, à espera da misericórdia do próximo, sem a qual jamais poderão superar o estado de “semimortos”... (cf. Lc 10,33ss)

À luz da fé, toda a dor tem sentido; ela pode mesmo servir para completar “o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (cf. Cl 1,24). Em cada homem que sofre é presente, de algum modo, o mistério da morte e ressurreição do Senhor. No entanto, a saúde é direito e dever para todos.

No seu empenho por viver bem, com saúde, todo o homem se dá conta das próprias limitações, transitoriedade, ilusões e ambiguidades; e descobre precisar dos outros, da “misericórdia” do próximo. E talvez dolente se interrogue; “E quem é o meu próximo?”

“E quem é o meu próximo?” — Olhai, Irmãos e Irmãs: a resposta é avalizada por Cristo Senhor: “aquele que usa de misericórdia”, à imagem do Bom Samaritano, à imagem de Deus, “rico em misericórdia”.

Cristo nos chama e nossos irmãos aguardam!



O objetivo geral:

Criar condições para a prática de uma educação libertadora, a serviço da construção de uma sociedade fraterna.

Embora a Campanha de 1971 abordasse a questão da educação mais na linha do analfabetismo e recuperasse colaborar com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a Campanha de 82 foi muito mais abrangente. Ela questionava o modelo de educação no Brasil. Analisou o processo educativo como um todo, considerando os seus principais elementos e formas de abordagem, procurando mostrar o fundamento cristão para a educação como um todo. Um dos frutos da campanha foi a pastoral da educação.

A partir desta Campanha, o objetivo geral passou a ser elaborado de forma mais técnica e sucinta.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amados irmãos e irmãs do Brasil!

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

Ao saudar-vos cordialmente nesta abertura da Campanha da Fraternidade no vosso País, revive em meu espírito, na saudade, o encontro convosco, quando de minha visita pastoral. O Papa não vos esquecerá nunca mais, continua a pensar em cada um, e com afeto em Cristo a rezar por todos os brasileiros, e a amar-vos. Nessa viagem pelo vosso querido Brasil, tive satisfação de vos ver, num momento, todos unidos em comuns sentimentos junto do Papa. Hoje, como então, tudo quero referir a Jesus Cristo, com o seu peculiar direito de cidadania na história do Homem e da Humanidade. É que hoje, como então, venho apelar para a vossa unidade como irmãos fortes só com a verdade de Cristo: “esta verdade tornar-vos-á livres”. É este o “slogan” da Campanha que hoje se inicia.

Ela intenta levar os homens, numa nação imensa como a vossa, a sentirem-se todos irmãos mediante a educação como caminho para a verdade. Mas, o que é a verdade? A pergunta não é nova, como não é nova a atitude do mundo diante das exigências da verdade. Vós recordais, um dia o Procurador Romano dirigiu-a a Jesus Cristo e no caso a resposta verbal fora por ele dada em precedência e a resposta real estava ali, o mesmo Cristo, mas Pilotos não o reconheceu, como não o reconheceu o mundo. Ali só foi reconhecido como homem por todo o seu exterior e visto humilhado e obediente. Mas foi em Cristo e por Cristo que o homem adquiriu plena consciência da dignidade, do valor transcendente da própria humanidade e do sentido da sua existência. E para isto, e para a vida em plenitude, ele continua a ser o caminho e a verdade: “A verdade tornar-vos-á livres.” Na nossa época, marcada pelos contrastes do modelo predominante da sociedade industrial, a educação é desafio posto a todos os homens de boa vontade, desafio à atividade pedagógica da Igreja, que faz parte da sua missão evangelizadora.

O tempo litúrgico da Quaresma chegou. Tempo de conversão, de Penitência e da Verdade. Ele nos é, proporcionado em Igreja e pela Igreja, para nos purificarmos do egoísmo e dos apegos excessivos a certos bens ou privilégios materiais ou de outra ordem, que criam distâncias dos irmãos menos favorecidos. Estes têm direitos que nos dizem respeito, nos hão de interpelar, porque também eles, criados à imagem e semelhança de Deus, abrangidos na renovada criação operada por Cristo Redentor do Homem.

Assim, ao tomardes parte com intenções esclarecidas no que se faz pela fraternidade no campo da educação em vossas Igrejas locais, sede generosos, pois estais a proporcionar os meios, incluindo os meios materiais, para cada um dos irmãos poder viver dignamente e chegar a assumir a tarefa da sua promoção humana integral, a nível de pessoa, de família e de pequenos grupos sociais.

Que nessa Quaresma e sempre, todos os brasileiros se sintam cada vez mais irmãos, cada vez mais uma família dos filhos de Deus, com a minha bênção apostólica,
em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Mostrar como a fraternidade está necessariamente ligada à vitória sobre a violência. A CF 83 pretende levar a comunidade cristã a refletir sobre a seguinte questão: o que se pode e se deve fazer diante da atual escalada da violência nas suas diversas formas?

A injustiça social presente no Brasil, associada à aprovação da lei do divórcio e a consequente degradação da família, cria as condições necessárias para o aumento da violência que atinge índices alarmantes. A CF de 1983 desejava “mostrar como a fraternidade está necessariamente ligada à vitória sobre a violência”. A injustiça social é apontada como a forma mais radical de violência.

Embora os subsídios dessa campanha possibilitassem uma ampla reflexão sobre o assunto, a preocupação maior foi com o agir.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos brasileiros.

Irmãos e Irmãs.

Louvido seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Começa a Quaresma. A Igreja vai procurar mais intensamente ajudar-nos a refletir sobre a nossa identidade profunda de filhos de Deus e de irmãos de todos os homens da grande família humana. Com a Quaresma vai iniciar-se no Brasil mais uma Campanha da Fraternidade, em boa hora e com inegáveis benefícios promovida pelos senhores bispos há 20 anos, que hoje tenho a alegria de abrir.

Fraternidade. Deus é Pai de todos nós. Foi quem nos chamou a construir nossa vida sobre a concórdia, a paz e o amor, que levam à fraternidade. O seu filho Jesus Cristo nos ensinou a nos esforçar para sermos perfeitos, parecidos com o mesmo Pai do Céu, sempre misericordioso, para sermos bons irmãos em família iluminada pela prática das bem-aventuranças evangélicas. É, pois, firme e com inabalável confiança neste ensinamento, que hoje proclamo e vos convido a fazer coro comigo: “Fraternidade Sim — Violência Não!”

E parece-me ouvir já o eco desse coro. Tenho ainda gravadas e vivas as saudosas jornadas da minha peregrinação pelo Brasil. Lembro bem as multidões em festa, contagiadas pelo entusiasmo juvenil. E os queridos jovens brasileiros, que o Papa não esquecerá nunca mais, ao saudar, proclamando o ideal com sabor de compromisso: “O Papa é o nosso irmão.” Mas, um irmão entre tantos irmãos. E que beleza o convívio de muitos irmãos juntos! Pareceu-me então que tinha razão quem me dissera ser essa bela e imensa Nação como uma família. Observei a conhecida cordialidade que o Brasil apresenta ao mundo, deixando a impressão, aliás difundida, de ser o povo brasileiro, por índole, avesso à violência e amigo da paz.

No entanto, também no Brasil, sob a aparente e sincera afabilidade, existe a violência. É que no fundo de cada coração humano permanece sempre a marca deixada pela queda original, com a

presença da concupiscência de que fala o evangelista João, cujas manifestações não provêm do Pai Celeste, mas do mundo e do príncipe deste mundo, que é o demônio.

Por isso, na convivência e nas estruturas sociais, nem sempre se apresenta sem sombras a fraternidade, quer dizer, não disjunta do pecado, que tem sempre terna dimensão social. A violência ensombra a harmonia e perturba a serenidade dos irmãos da família. Sim à fraternidade, não à violência!

Deus vivo, rico em misericórdia e que é amor, nos quer seus filhos e bons irmãos. Para isso, convida e exorta à conversão e à reconciliação, uma vez mais, nesta Quaresma. E o Papa, com esta Campanha da Fraternidade, convida e exorta a todos, sem exceção, a Igreja que está no Brasil, a viver e afirmar-se, cada vez mais, como Igreja evangelizada convertida, reconciliada, livre, para proclamar que Deus é amor, que o amor é mais forte do que a morte, o pecado e a violência, para proclamar a todos que se abram à revelação do amor e da misericórdia, que têm, na história do homem, uma forma e um nome: chama-se Jesus Cristo.

Cada brasileiro, especialmente os queridos jovens, a abrir-se à misericórdia e ao amor. Amor autêntico, até ao dom de si mesmo, a serviço dos grandes valores e ideais de dignidade e nobreza de toda pessoa humana. Ao amor genuíno, que elimina a ânsia imoderada do ter, do prazer e do poder, e se volta em diálogo para o ser de cada homem, criado à imagem de Deus. Amor verdadeiro, que aproxima os homens e, sem eliminar diferenças, em todos respeita a igualdade fundamental, sabe percorrer os caminhos da misericórdia, para construir solidamente a família humana, a família dos filhos de Deus, em contínuo sim à fraternidade e não à violência.

Esta mensagem, mais do que voto, é prece a Deus, rico em misericórdia. Em vista do iminente Ano Santo da Redenção, quero concluí-la com este apelo: “Abri as portas a Cristo!” E abençoo-vos cordialmente,

em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Pretende reunir e mobilizar os cristãos e todas as pessoas de boa vontade, em clima fraterno e aberto de campanha, para refletir (e agir) sobre todos os aspectos da vida, na sua unidade espiritual, moral, intelectual, psicológica e física. Quer ser um sinal de esperança para as comunidades cristãs e para todo o povo brasileiro a fim de que dentro de um panorama de sombras e de atentados à vida, sintam a luz de Cristo, que vence o egoísmo, o pecado e a própria morte.

A vida é o grande dom de Deus, é o seu sim à criação. Por isso, é necessário dizer sim à vida, a toda e qualquer vida: aquela que acaba de ser concebida, aquela que se apresentada débil, deficiente, sofredora, inutilizada e malbaratada.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Queridos Brasileiros!

Meus irmãos e irmãs em Cristo

1. É com grande alegria que me encontro bem próximo de vós, pela imagem e pelo coração, nas vossas casas; e vos saúdo com toda a estima: “Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!” Estas palavras, na vossa língua trazem-me a lembrança, grata e sempre viva, do meu encontro com o Brasil. E recordo-me de todos com afeto no Senhor; neste momento, porém, recordo especialmente muitas e lindas crianças e um oceano de jovens, dos queridos jovens brasileiros, na festa da “vida” com o Papa — na festa da santíssima Eucaristia. E todas as imagens me dizem: vida!

Fui convidado, também neste ano — Ano Santo da Redenção — a dizer uma palavra na abertura desta Campanha da Fraternidade, apelo ao empenho quaresmal de conversão e reconciliação e convite a gestos concretos de caridade, a todos os níveis: “para que todos tenham a vida”. E que vos direi? — Olhai.

2. A vida é um dom, que brota do amor de um Pai, o Deus da bondade, para todo o ser humano; e, desde a sua concepção, Ele lhe reserva um lugar especial no seu coração paterno: quer o homem feliz, chamando-o continuamente à comunhão jubilosa da sua Casa.

A vida é o sim de Deus, na Criação, no princípio, pelo seu Verbo, sem o qual nada foi criado: façamos o homem. Nele estava a Vida, e a vida era a luz dos homens; é o sim de Deus continuado na Redenção, pelo Filho unigênito, que Ele deu pela vida do mundo.

Todos os que aceitam Cristo como a “luz dos homens”, numa sociedade que enferma de egoísmo e está minada por tantos fermentos de morte, aceitam o sim de Deus à vida, fazem dele norma de pensar e agir, tornam-no o próprio sim à vida, a toda e qualquer vida, mesmo aquela que acaba de ser concebida, aquela que se apresenta débil, deficiente, sofredora, inutilizada e malbaratada. Por isso, além de dom, a vida é empenho: empenho de aceitar, defender e favorecer a vida; empenho em dar largas à inventiva do amor, da caridade, para valorizar o dom de Deus, em si e no próximo; empenho em ajudar todo o homem, quando e como quer que se nos apresente: em meio à ilusória opulência, contrastando com o pobre Lázaro: como o “mais pequenino”, com quem o próprio Senhor e Juiz se identifica; ou “espoliado, ferido, abandonado e meio-morto no caminho”, apelando por um “samaritano”.

3. “Para que todos tenham vida”, tem como prioridade a conversão, pessoal e coletiva: conversão das mentes, das vontades e dos corações, para Deus, nosso Pai, pelo Seu Filho Jesus Cristo, Redentor do homem e irmão universal; e voltar-se para a pessoa humana, com a sua dignidade. Para tanto, impõe-se percorrer estes caminhos:

- sensibilização das consciências, quanto ao caráter sagrado da vida e dignidade humana, valor basilar de toda a sociedade;

- esforço esclarecido por ser afirmado, malgrado a visão diversa de ideologia e sistemas, o primado da vida e da pessoa, desde o momento da concepção, em toda a existência até a morte;

- corajosa tomada de posição frente a tudo o que atenta contra a vida humana ou que a rebaixa, como foi especificado pelo Concílio, à luz do primado do ser sobre o ter, na Constituição *Gaudium et Spes*.

“Para que todos tenham vida”, Cristo se fez Redentor do homem, habitou entre nós e permanece ... como “caminho e verdade”, como “ressurreição e vida”. Ele é a nossa Páscoa! Em seu nome, para que tenhais a vida, a vida com todas as suas dimensões, e para isso sirva a Campanha da Fraternidade, que ora se inicia no espírito da Quaresma, de todo o coração vos abençoe:

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Análise conclusiva da Segunda fase

Esta visão histórica da campanha da fraternidade na sua segunda fase traz alguns elementos que exigem uma reflexão.

O período compreendido entre 1973 e 1984 foi muito importante e rico para a Igreja no Brasil em geral e para a campanha da fraternidade em particular. A Campanha vai, aos poucos, assumindo a discussão eclesiológica e sendo determinada por ela, e desafiada pelos acontecimentos da época. A identidade da Campanha como caminho quaresmal vai tomando corpo, pois busca um processo de transformação da sociedade em vista do mistério da ressurreição, o que só é possível na medida em que se descobre Corpo Místico de Cristo, o Servo sofredor que, a partir da realização da obra da cruz, prestou seu grande serviço à humanidade. Este serviço deve ser continuado pela Igreja nos caminhos da história.

Na medida em que a Igreja procura, através da Campanha da Fraternidade contribuir para que a quaresma seja tempo de conversão a nível comunitário através da formação da consciência de todos de modo que haja um grande mutirão para a transformação da sociedade, o Povo de Deus assume o papel de Igreja serva e libertadora. Assim, a Igreja contribui efetivamente para que a Páscoa seja celebrada, mas também vivida na história da humanidade.



O objetivo geral:

Contribuir para motivar a comunidade cristã a assumir sua responsabilidade ante a situação de fome que existe no Brasil.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Queridos Brasileiros:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

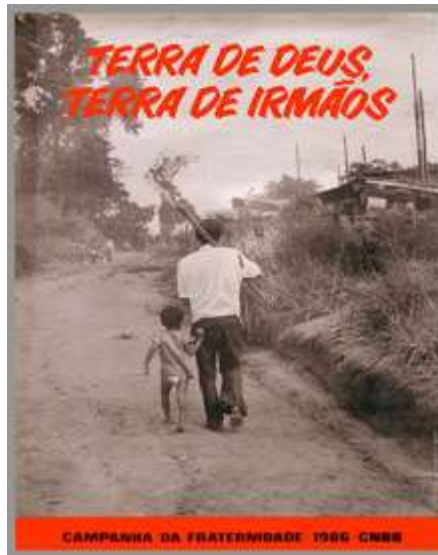
Vai começar a Quaresma, tempo de penitência, em preparação para a Páscoa. O Senhor Jesus vai passar oferecendo a graça da conversão pessoal e comunitária. Ele convida a todos a percorrerem os caminhos da verdade e do bem, que nos tornam livres. Livres das trevas e participantes da luz e vida nova, que o Mistério Pascal de Cristo anuncia e comunica. “Vim, para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. Luz e trevas são imagens da graça e do pecado, da caridade e do desamor. Neste ano do 11º Congresso Eucarístico Nacional do Brasil, que se vai celebrar em Aparecida, foi feliz a escolha do tema para a Campanha da Fraternidade, que hoje tenho a alegria de abrir. Durante a Quaresma, sereis interpelados pelo lema que suplica ‘pão para quem tem fome’, fome do corpo e fome do espírito.

Vede, irmãos! Nunca a humanidade dispôs de tantos bens e possibilidades, como hoje. E no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra, irmãos na humanidade, é atormentada pela fome e miséria. Fome no mundo e fome no Brasil! Sem deixar de reconhecer a complexidade do problema, pode perguntar-se: Terá esta tragédia de tantos irmãos nossos, explicação somente nas calamidades naturais ou também obras ou omissões comodistas, egoístas dos homens contribuem para agravá-las?

A pergunta interpela a todos e só desejaria ser convite a repensar, rever e, por ventura, reformar posições e sistemas. Convite a iniciativas coordenadas, a fim de se descobrirem, franquearem e percorrerem caminhos novos. Caminhos que levem à participação, aquela de todos na reconciliação das classes sociais. Caminhos que busquem mais justiça e equidade a serviço da dignidade, da felicidade e da autêntica fraternidade de todos os homens, filhos de Deus. Tais caminhos passam por uma transformação de estruturas, que implica a profunda conversão das mentes, das vontades e dos corações, para a verdade e dignidade de cada pessoa. Esta, a luz do homem, que é Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A Quaresma, a Páscoa e a Eucaristia lembram-nos, que se alguém, possuindo bens deste mundo, vê o seu irmão necessitado e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Por isso, exortam a dizer ‘não’ ao comodismo egoísta e ‘sim’ ao amor. Amor do nosso Criador e Pai, que destinou a terra, com todo o pão que produz, para uso de todos os homens e povos. Amor de nosso Redentor, Jesus Cristo, que sob a forma de pão, nos deixou o memorial da suprema prova

de amor, dar a vida na Eucaristia, Sacrifício, Sacramento e Pão de Vida. Amor do nosso Santificador, o Espírito Santo, Senhor que dá a vida e que falou pelos profetas. Amor do próximo, segundo o Mandamento Novo dado por Jesus, ‘que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Quando houver possibilidade de pão para todos, o flagelo da fome pode revestir o caráter de escândalo, o escândalo do desamor. Que em cada lar brasileiro, se possa rezar sempre: Pai Nosso, que estais no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje! E dai pão para quem tem fome, toda espécie de fome! Ouvi o apelo da Eucaristia, comungar para amar, como Deus nos mandou celebrar como irmão, ao redor da mesma mesa, o Mistério Pascal do Primogênito Jesus Cristo, Nosso Senhor. E com afeto a todos abençoo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!



O objetivo geral:

A Campanha da Fraternidade em 1986 convoca-nos para uma ação conjunta de preces, reflexões e mobilização sobre o gravíssimo problema da questão da terra no Brasil a ser solucionado evangelicamente, ou seja, dentro da justiça e da fraternidade.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

*Meus amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo,
queridos Brasileiros:*

1. Promovida pelos senhores Bispos, vai começar mais uma Campanha da Fraternidade neste dileto País. Nesta Quaresma, tempo de conversão e penitência, ela se destina a preparar a Páscoa: a passagem do Senhor. É chamado a maior empenho em vivermos como filhos de Deus e todos irmãos em Cristo: é apelo à salvação e à ajuda fraterna, para que todos tenham a Vida, se tornem livres em adesão à Verdade e trilhem o Caminho da purificação do pecado e da libertação do mal que ele traz consigo, em plano pessoal, social e estrutural.

É apelo a todos os que peregrinamos para o “novo Céu e nova Terra” nesta “terra de Deus, terra de irmãos”.

É este o tema da Campanha que hoje tenho a alegria de abrir. É um programa-convite, sobre o qual as pessoas e comunidades da Igreja que esta no Brasil vão refletir e rezar. Mas interpela todos os homens de boa vontade, para que se conscientize e realize no imenso solo brasileiro o desígnio divino que o quer, cada vez mais, “terra de Deus, terra de irmãos”.

2. Páscoa é “passagem do Senhor”. Celebrar a Páscoa é evocar a experiência do Povo escolhido, quando foi libertado da escravidão do Egito e Deus lhe fez o dom da “terra prometida”, depois de purificado; mas Páscoa, para nós, é sobretudo reviver o Mistério pascal de Cristo; não apenas como fato histórico, mas como realidade que se perpetua, torna presente a sua morte e ressurreição, na Liturgia e no centro da vida e peregrinação eclesial, comunitária e pessoal dos cristãos.

Para animar esta caminhada, hoje lembro apenas dois quadros da divina pedagogia: o primeiro, tracejado por Cristo, encerra a história de um homem rico que “todos os dias se divertia com luxo”, enquanto “jazia ao seu portão, coberto de chagas e desejoso de matar a fome” com o que “caía” da sua mesa, o pobre Lázaro; o outro quadro, mais sintético, é o da profecia de Jeremias: “os pequeninos pediram pão, e não havia quem lho desse”. Em ambos há denúncia do pecado: o amor de si mesmo levado até ao desprezo de Deus, no irmão pobre, na idolatria.

3. “Terra de Deus, terra de irmãos” – que dizer: reconhecer Deus como Senhor, Legislador e Juiz; acolher Cristo e reconhecer que Ele, quando da sua Páscoa na terra dos homens os proclamou “todos irmãos”.

E Cristo continua a passar, nas áreas indígenas, rurais e urbanas do Brasil, convidando a todos a terem parte na sua Páscoa, identificando-se com:

– o irmão sem terra e sem trabalho, a gritar a falta de sentido da própria existência sofrida;

– o irmão sem casa, que dorme pelas beiras das calçadas, a gritar o frio de não ter lar, do desamor e falta de calor humano;

– o irmão analfabeto, “sem voz nem vez”, gritando a sua condenação ao subemprego e mendigando a própria participação;

– o irmão doente ou que vive atrás das grades da cadeia, a clamar: eu não quero ser um marginal;

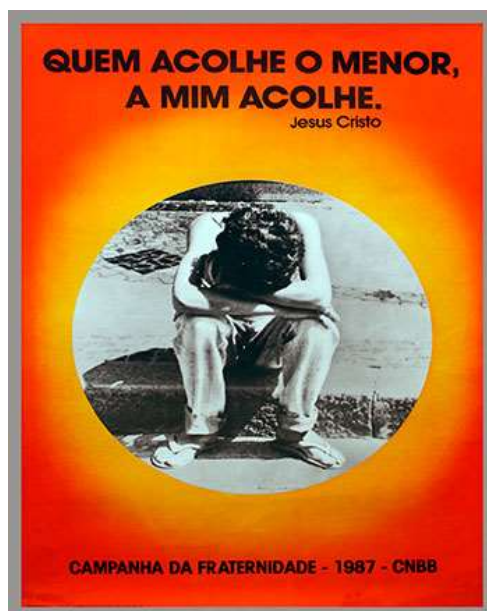
– o irmão sedento, porque houve o flagelo da seca, a aumentar a sua sede de justiça, amor e fraternidade;

– o irmão faminto, que mostra toda a sua fome de pão e fome de Deus.

Todos estes deixam entrever o rosto de Cristo. Para todos estes é necessário a “terra de Deus” tornar-se cada vez mais “terra de irmãos”. Ajudemo-los!

É este o caminho da fraternidade, em direção à Páscoa litúrgica e à Páscoa eterna, onde Cristo nos espera, para dizer: “a Mim o fizestes”! “Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo”.

Para que vos prepareis esta acolhida de Cristo, dou-vos a bênção,
em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Para a recomposição do tecido ético e cultural de nossa sociedade, além de um especial processo de conversão de cada um de nós e das justas reivindicações econômicas, vai ser preciso, a partir das nossas comunidades cristãs, reassumir os compromissos libertadores que integram a fé. Um dos importantes caminhos que se apresentam é buscar a transformação evangélica da pessoa e da sociedade, a partir da questão do Menor, colocando-o, portanto, no centro de nossas comunidades e de nossos projetos.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Brasileiros!

Irmãos e irmãs:

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

“Quem acolhe o menor, a mim acolhe.” Com palavras equivalentes, isto foi dito por Cristo, que esculpiu como síntese do seu Reino: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34), pois “todos vós sois irmãos” (cf. Mt 23,8). Em dois mil anos de Cristianismo, o mundo só mediocrementemente assimilou esta doutrina do “bom Mestre”. Os homens continuam a se afastar e afastam os outros dos caminhos da fraternidade.

Quaresma é tempo de conversão: de acolhida a Jesus Cristo na sua Páscoa, no mistério central e culminante da sua “passagem” entre nós, que é a sua morte e ressurreição. Somos convidados a confrontar nossas vidas com a sua mensagem. E, cada ano, a Igreja que está no Brasil é exortada a fazê-lo em referência a um tema vital, pela Campanha da Fraternidade. Neste ano, o tema é o menor, sobretudo o menor visto como “empobrecido”, “Quem acolhe o menor, a mim acolhe”.

O “menor quer dizer: a criança e o adolescente, “a primavera da vida, a antecipação da história futura de cada pátria terrestre”. Nenhum povo pode pensar no seu futuro abstraindo da imagem real das novas gerações. Por isso, a solicitude pelo menor – pela criança, ainda antes do nascimento, desde a concepção, e depois na infância e na adolescência — comprova a estima e o tipo de relação do homem para com o homem, em cada povo: é a esperança, ou a incerteza, de um futuro melhor!

Quando Jesus garantia o Reino dos céus aos “pequeninos” (cf. Mc 10,14), não estava apenas apresentando as crianças como modelos de inocência e simplicidade; mas estava expressando que o Reino estará “no meio de nós”, quando por um imperativo do coração, guiado por fé esclarecida, todos nos tornarmos “pequeninos”; e os “pequeninos”, os últimos, os que “não produzem” tiverem lugar na “família”, tiverem o amor preferencial que a sua dignidade de pessoas exige, na sua condição de “pobres”.

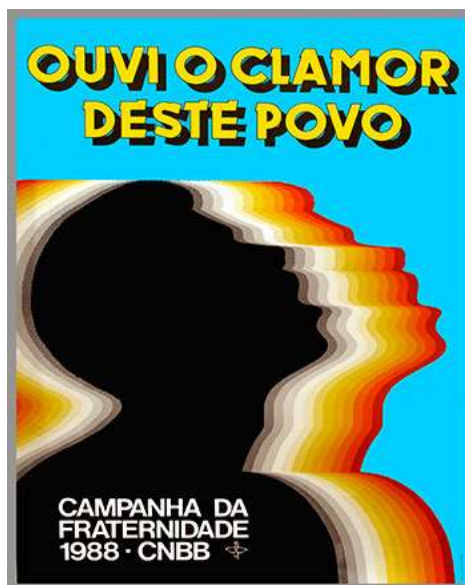
No quadro da situação do menor no “imenso Brasil, as estatísticas falam de números muito elevados de menores, objetivamente pobres, marginalizados e abandonados: tais números são indício de males que importa remediar, pois salvar o menor é escolher, valorizar e celebrar a vida e afugentar sombras de morte. Mas para isso, é preciso descer da montada, como o “bom samaritano”, com humildade e amor, e debruçar-se sobre a vida do irmão, em atitude de dom, movidos pelo valor da vida e do lugar da vida na hierarquia dos valores.

Amados Brasileiros:

É bom termos um Pai, Deus, que nos ama. Ele tem sempre seus braços abertos para acolher e as mãos cheias de bondade, misericórdia, amor e salvação (cf. Lc 15,17). Quaresma é tempo forte de encontro ou reencontro com Ele, é tempo de conversão: conversão sincera e radical, abrangendo as dimensões comunitárias da vida e da fé: conversão exigente, mas libertadora, na medida em que o “outro” for para nós, cada vez mais, presença de Jesus Cristo, identificado com o irmão carente: “a mim o fizestes”, e, sobretudo, conversão amorosa: o amor existe e sobrevive, apesar de tudo, no chão silencioso de muitos corações; mas só terá plenitude no relacionamento coerente, de cada pessoa e de cada comunidade, com o Amor (Ef; 1Jo 4,16): o Amor do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

Que a Campanha da Fraternidade sirva para abrir os corações a Deus e às sementes da Páscoa, que aí desabrochem em misericórdia, frutificando em justiça, bondade, amor e fraternidade, com a minha bênção:

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Nossa adesão a Jesus Cristo, renovando o compromisso de viver em fraternidade, porque este é o sinal mais autêntico do seguimento do Senhor: “Nisto saberão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35)”.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo!

Queridos Brasileiros:

Saúdo-vos cordialmente, neste encontro, já tradicional, de início da Quaresma, exortando-vos à penitência, que produza em todos frutos de vida mais cristã e de caridade mais efetiva.

A Quaresma deve marcar a vida pessoal de cada batizado e das comunidades, mediante a escuta da Palavra, a reflexão, a oração e a renúncia, para uma resposta generosa ao apelo de Deus, expresso por Isaías: “Sabeis qual é o jejum que eu aprecio?...É repartir o pão com o faminto, dar abrigo aos infelizes sem casa... Então invocarás o Senhor e Ele te atenderá” (Is 58,6-9). Esta Quaresma no Ano Mariano vai decorrer sob o olhar maternal de Nossa Senhora, Mãe de misericórdia, Mãe de Jesus, o Salvador. Ele veio anunciar o Reino de Deus, chamar os homens à conversão e proclamar o “mandamento novo”; e quis ser identificado nos pobres e naqueles que sofrem ou são perseguidos (cf. Mt 25,40).

Em Cristo tornou-se visível a misericórdia de Deus e o seu desígnio de que os homens todos formassem uma só família, tratando-se uns aos outros com amor fraterno: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). E para isto é proporcionada a todos a força do Mistério Pascal. Quaresma é caminho para a Páscoa, para a liberdade de filhos de Deus. Esta se alcança com a libertação do pecado e a justificação, pela graça da fé e dos sacramentos da Igreja.

Abre-se hoje mais uma Campanha da Fraternidade, na Igreja que está no Brasil, empenhada na sua missão de evangelizar, contribuindo para a promoção humana, por caminhos convergentes, guiada pelos seus Pastores, como mestres e educadores da fé do povo, sinais e construtores de unidade na caridade. A Campanha visa a animação pastoral da Quaresma, centrada no tema: “a Igreja e o Negro”. Trata-se de larga faixa da população brasileira, comemora-se neste ano a chamada “lei áurea” e há uma real problemática que merece solicitude pastoral, inspirada por critérios evangélicos, aderente e fiel à doutrina da Igreja acerca da dignidade da pessoa humana e da promoção dos seus direitos e tendo em vista o bem comum.

Neste campo, a Igreja repetiu a sua doutrina de sempre no Concílio Vaticano Segundo, nomeando entre uma série de “coisas infames” a escravidão, contrária ao Evangelho, que anuncia e proclama a liberdade para todos os homens, sem exceção; e explica que a escravidão tem a sua origem última no pecado e que têm a mesma origem aos fermentos de ódio e de divisão, que alimentam

os preconceitos raciais e proliferam em situações conflituosas e em discriminações e emarginações (cf. *GS*, 27-29).

Ora, tudo isto é contrário aos direitos e deveres imprescritíveis da pessoa humana; e não deixa de fazer com que indivíduos, famílias e grupos se vejam preteridos, deixados à margem do caminho que leva ao desenvolvimento e bem-estar, por motivo de raça ou cor. Como tenho feito alhures, quero aqui proclamar: em toda a parte, e mais ainda dentro da mesma prática comuns, todos os homens e mulheres são iguais em dignidade, diante de Deus; e nas estruturas, hão de dispor de acesso igual à vida econômica, cultural e social, participando realmente no bem comum.

Todos os que procuram sincera e cristãmente contribuir para a solução de problemas em aberto neste âmbito, tanto os diretamente interessados como os demais, precisam de dialogar, olhos nos olhos; e, reconciliados, empenhar-se, solidária e fraternalmente na obra pacífica da justiça e do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, no progresso. Este não consiste na riqueza amada por si mesma, desfrutada só por alguns; mas sim, na economia ao serviço do homem, no pão quotidiano, por todos granjeado e a todos distribuído, “como fonte da fraternidade e sinal da Providência divina” (*PP*, 86).

A “imagem” do Criador em todos refletida, a dignidade humana e a condição de filhos de Deus a todos oferecida, com o amor evangélico, têm como consequência e exigência direta e imperativa o respeito de cada ser humano, com os seus direitos. E não há distância e, menos ainda, oposição, entre a vontade de justiça e o amor do próximo, com o amor de Deus sobre todas as coisas.

O importante é não olhar para trás, mas para a frente, dar a mão ao próximo (cf. Lc 10,25), para caminhar juntos, como irmãos, em comunhão, no mesmo sentido: no sentido da construção de uma sociedade mais justa e fraterna, onde haja lugar para todos. “Sede misericordiosos, como é misericordioso o vosso Pai celeste” (Lc 6,36).

Exorto-vos, irmãos e irmãs, a deixar-vos conduzir pelo Espírito de Deus, a romper com cadeias de pecado e com o egoísmo. Partilhai e daí, com espírito de solidariedade e generosamente, para que brilhe a vossa caridade; e “vendo as vossas boas obras, todos glorificarão o vosso Pai que está nos céus” (cf. Mt 5,16).

Que nesta Quaresma, seguindo o exemplo e por intercessão de Maria, Nossa Senhora Aparecida, se fortifique a nossa fidelidade ao Senhor e a nossa vida testemunhe a obediência aos seus desígnios: “Vós sois todos irmãos!” Com esta prece, pela comunidade multirracial do Brasil, envolvendo em igual estima a todos, vos abençoo:

em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Despertar a consciência crítica do receptor no uso da mídia, como atitude interior necessária para a comunicação da verdade e da paz. Quer também conscientizar os receptores sobre seu papel de agentes de influência na orientação de programas nos meios de comunicação.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Irmãos e Irmãs em Cristo e amados Brasileiros:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Mais uma vez me é grato comunicar, através do rádio e da televisão, com o dileto Povo brasileiro, na abertura da nova Campanha da Fraternidade, este ano com o tema: “a Comunicação Social”. Entrando nas vossas casas e nos locais de vosso encontro e comunicação, saúdo a todos, segundo o lema da Campanha: “a Verdade e a Paz” estejam convosco!

Equivale a dizer, antes de mais, que esteja convosco Jesus Cristo, o qual veio dar testemunho da verdade e nos disse: “Eu sou ... a Verdade” (Jo 14,6). Como “Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5), Ele nos reconciliou com o mesmo Deus e nos deixou a mensagens de reconciliação uns com os outros; e, “primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29), constituiu-nos na liberdade de filhos de Deus e proclamou-nos todos irmãos: “Ele é a nossa Paz” (Ef 2,14).

Começa a Quaresma, tempo penitencial, em preparação da Páscoa: vamos celebrar a Salvação, que nos veio pela vida, morte e ressurreição do Senhor. Neste mistério pascal nós fomos introduzidos pelo Batismo, quando fomos libertados do pecado e enriquecidos com a graça e o Dom do Espírito da verdade; quando renunciamos às obras contrárias à luz e à paz com Deus e com os outros, obras que provêm sobretudo do Maligno. Ele é o príncipe das trevas e o pai da mentira, na qual se originara o desamor, as contendas e as guerras (cf. Tg 3,14).

Pelo Batismo, ainda, entramos na Igreja peregrina, a qual, em continuidade com a Igreja do Pentecostes, incumbe o mandato: “Ide por todo o mundo e pregai a Boa Nova a toda criatura” (Mc 1,15).

Entre este mandato de evangelizar — “fazer discípulos de todas as nações” — e a comunicação social, há um apelo recíproco, convergindo no homem e na sua salvação.

A Igreja tenha cada vez mais consciência da importância da comunicação social; ela deseja evangelizar os modos de as pessoas se relacionarem e permutarem experiências, valores e ideias; deseja levar o “fermento” do Reino à “produção” dos maravilhosos meios de comunicar, que caracterizam o nosso tempo, os quais, por vezes, privilegiam o imediatismo à reflexão.

A Comunicação Social representa um dos bens de maior consumo; e o seu controle desperta a cobiça do poder, do ter e do prazer da sabedoria terrena, contraposta à sabedoria que vem do Alto (cf. Tg 3,15). E sucede que, para sobreviverem, empresas de comunicação passam a incentivar padrões de comportamento que perturbam a ordem na sociedade, nomeadamente a violência, o erotismo e o consumismo.

Solícita pelo bem dos homens e dos povos, a Igreja lembra aos empresários, profissionais da comunicação social e a todos os comunicadores que atendam à grave responsabilidade da inversão de valores, que incide negativamente no tecido diversificado da sociedade; aponta-lhes a solidariedade e a fraternidade como condição para todos os homens usufruírem dos bens da verdade e da paz; diz-lhes que estas assentam em princípios basilares de comportamento que salvaguardem o respeito pelo outro, o senso do diálogo, a justiça, a ética correta da vida pessoal, profissional e comunitária, a liberdade e dignidade da pessoa humana e a sua capacidade de participação e de partilha com os demais.

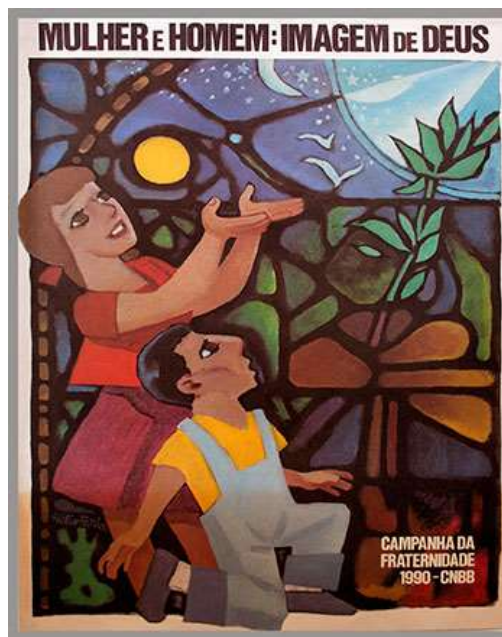
Onde faltar a verdade no reconhecimento dos direitos à informação, à opinião, ao pluralismo cultural e à livre iniciativa, e à verdade na observância dos deveres correlativos, a paz começa a estar ameaçada. A paz autêntica não é somente a ausência de guerra; mas é “obra da justiça” (Is 32,7), pela qual anelam os homens: é algo que deve estar constantemente a ser construído.

E como a vontade dos homens é fraca e ferida pelo pecado, a paz exige um esforço contínuo de conversão das mentes e dos corações para os autênticos valores humanos. No caso dos cristãos, é a “penitência e acreditar no Evangelho” (Mc 1,15), que há de levá-los a viver; testemunhar e anunciar a Boa Nova da salvação em Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre (cf. Hb 13,8).

Só com corações convertidos se modificarão os ambientes onde coexistem liberdade e medo, ciência e analfabetismo, abundância e miséria, consumismo e condições subumanas, para aí eclodir a fraternidade.

Implorando o Espírito da verdade, em especial para a missão da Igreja no Brasil, a fim de que aí se afirme uma Comunicação Social a serviço da verdade e da justiça, que frutifiquem em paz na pátria e coração de cada brasileiro, a todos abençoou,

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Conscientizar que mulher e homem juntos são imagem de Deus e que Deus entregou a criação a todos. Ajudar a ver como, na realidade, a mulher não é reconhecida e tratada como igual ao homem. Enfocar a vocação inicial da mulher e do homem: construir juntos uma nova sociedade.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amados irmãos e irmãs em Cristo.

Queridos brasileiros:

Neste encontro de início de Quaresma, saúdo-vos com votos de todo bem, exortando-vos à conversão a Deus e a uma vida mais digna e cristã. A Quaresma é, pois, a caminhada para a Páscoa. A Igreja é santa em Cristo, mas pecadora em nós. Por isso, em toda Quaresma, ressoa na liturgia este convite: “Reconciliai-vos com Deus!” E abre-se no Brasil mais uma Campanha da Fraternidade.

A Igreja quer o bem do homem todo e o bem de todos os homens. Guiada pelos senhores Bispos, mestres e educadores da fé do povo cristão, administradores dos mistérios de Deus e construtores da unidade do Corpo Místico de Cristo, ela vai agora centrar o seu empenho de evangelizar no tema “Fraternidade e Mulher” tendo como lema a grande verdade: “Mulher e Homem: Imagem de Deus.” Muito boa esta escolha. Assim como a busca da novidade da Campanha. Interpelação direta ao próprio ser da mulher e do homem.

A mulher, efetivamente, tanto quanto o homem, é uma pessoa. É a única criatura, que Deus quis por si mesma. A única a ser expressamente feita à imagem e semelhança do mesmo Deus, que é Amor. Precisamente por isso, não pode se realizar plenamente, se não com o dom sincero de si mesma. Está aí a origem da comunhão, em que deve exprimir-se a unidade dos dois e a dignidade pessoal, tanto do homem, como da mulher. Assim, nem o homem é superior à mulher, nem a mulher ao homem. Isso não quer dizer, que ambos são iguais em tudo. Cada um dos dois possui a totalidade e a dignidade do ser humano, mas não da mesma forma. A mulher entende a sua realização e a sua vocação como pessoa, segundo a riqueza dos atributos da feminilidade. Com suas qualidades, especificamente femininas, também ela está chamada a construir um mundo novo, participando da vida social e da vida de santidade da Igreja. Importante, é que, em sua fundamental igualdade com o homem, não perca de vista a sua complementaridade e sobretudo sua máxima grandeza de ser imagem e semelhança de Deus.

O espelho só reflete imagem, quando está no lugar certo e quando está munido de luz. Para ambos, mulher e homem, o espelho é Cristo. A luz vem de Deus e o lugar certo está marcado pela lei

ética, gravada em cada coração. A Palavra de Deus proclama que, onde a mulher deixou de ser imagem e semelhança de Deus, d'Aquele que é Amor, há um imperativo de conversão.

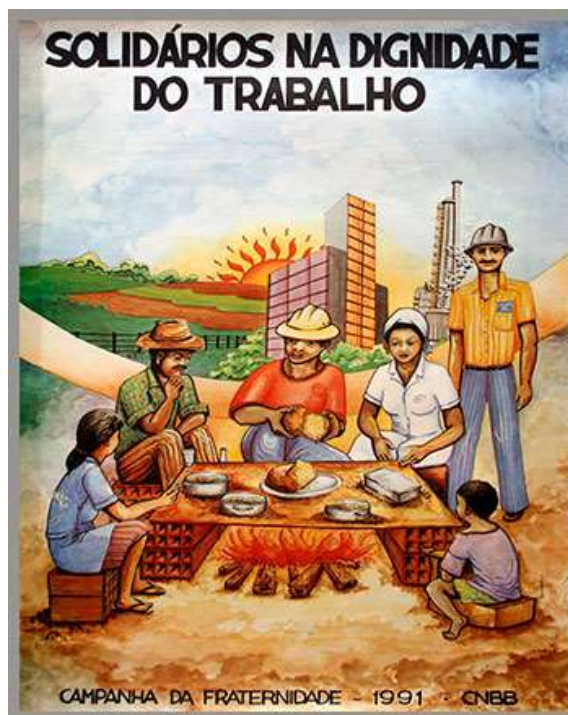
A beleza do coração humano, ferido pelas consequências do pecado original, no decorrer da história, foi prejudicando e transformando o "Plano do Criador", também quanto à mulher, imagem de Deus. Agora é preciso percorrermos os caminhos da conversão, retornar à vontade original do Senhor.

Aqui deixo, pois, o meu apelo para a mulher brasileira, em favor da mulher brasileira, nem escrava, nem branca, só mulher. MULHER-CRIANÇA, a ser olhada como flor nascida, que ao desabrochar na aurora da vida que recebeu, refletir a luz de Deus. MULHER-MOÇA, sol da manhã, primavera, pela limpidez do olhar, irradiar esperança, precisando de respeito, confiança e dignidade. MULHER-ADULTA, sol do meio dia, com a sua dignidade simples, sinceridade e candura, iluminar e dar calor pela reflexão serena, pela retidão do espírito e pela harmonia com que se apresenta a este Criador. MULHER-ANCIÃ, sombra no entardecer, acolhedora, de natural afeto materno, de peculiar sabedoria e prudência, vivendo em doação e no desejo de servir à dignidade do outro e à felicidade de todos os seus semelhantes.

A todas as mulheres brasileiras e a todos os brasileiros, em todas as situações e em todos os ambientes, dirijo o meu apelo: agradeçam a Deus e rezem, por todas e cada uma das mulheres, pelas mães, pelas irmãs, pelas esposas, pelas consagradas a Deus na virgindade, pelas que se dedicam e se gastam como imagem de Deus e pelas que sabem ser senhoras e pelas outras.

E peçamos à Mulher, Maria de Nazaré, Espelho de Justiça, pela elevação do Brasil com o concurso da mulher brasileira. Que NOSSA SENHORA APARECIDA a todos ajude, como fruto da Campanha da Fraternidade, caminhar na fé, caridade e numa união mais perfeita com Deus. Com esta prece, a todos abençoo,

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Que a Igreja e as pessoas de boa vontade assumam a realidade do trabalho e do mundo do trabalho, com todas as suas dimensões de criação, progresso, conflito, divisões e solidariedade, como lugar teológico para a evangelização, o anúncio da Boa Nova no mundo de hoje e para a construção do Reino de Paz, Justiça e Amor.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo.

Queridos Brasileiros:

1. Saúdo-vos cordialmente, neste encontro já tradicional, do início da Quaresma, com as palavras de São Paulo: “Vos exortamos a não receber em vão a graça de Deus” (2Cor 6,1). A graça divina inundará nossas almas, sempre que não fechamos as portas do nosso coração. Se houver generosidade em acolher a sua graça, o Senhor se manifestará na conduta humana, em todo o imenso panorama das realidades terrenas que o homem e a mulher estão chamados a santificar.

É precisamente aqui que se insere a Campanha da Fraternidade que hoje a Igreja que está no Brasil propõe-se a iniciar com o tema: Solidários na dignidade do trabalho.

2. Através do seu trabalho, o homem está chamado a dar um sentido cristão às realidades temporais inseridas, elas todas, na admirável obra da criação e da Redenção do mundo. Neste sentido, o exemplo de Jesus, que viveu trinta anos em Nazaré trabalhando, lembra que Seu ofício, semelhante àquele de tantos milhões de homens em todo mundo, converte-se em empresa divina, em atividade redentora, em caminho de salvação. Por isso, o homem deve procurar encarar o seu trabalho, não só como instrumento indispensável para o progresso da sociedade e o meio mais eficaz para o relacionamento humano, mas também um sinal do amor de Deus pelas suas criaturas e do amor dos homens entre eles e por Deus.

No Brasil, é comum dizer-se quando vai-se ao trabalho: “Vou para o serviço!” Isto é de importância capital à hora de dar testemunho válido de Cristo, e para descobrir que o trabalho quotidiano é doação mútua, é ajuda, é solidariedade.

3. Estas considerações, amados irmãos, nos devem levar ao fundamento de todo o trabalho humano digno diante de Deus: a liberdade e a consequente responsabilidade no mundo criado e conservado pelo amor do Criador, reivindica a garantia que todos, homens e mulheres, de qualquer condição social e cultural, tenham acesso aos bens necessários para atingir a finalidade de santificação proposta por Deus.

Para alcançar este fim “todo homem — escrevia o Papa Paulo VI — tem o direito ao trabalho, à possibilidade de desenvolver as próprias qualidades e a sua personalidade, no exercício da profissão abraçada; direito a uma remuneração equitativa que lhe permita, a ele e à sua família, cultivar uma vida digna no aspecto social, cultural e espiritual” (OA, 14).

A esses direitos, acompanham os de uma moradia digna, condições de trabalho livres da insalubridade e do risco de acidentes e, ao mesmo tempo, garantido pelo necessário atendimento hospitalar; respeito pelo seu descanso e pela estabilidade do emprego. Paralelamente a estas condições, a mulher deve poder exigir também uma maior consideração pela sua dignidade, pois não podemos esquecer que ela possui sua própria individualidade, que vai respeitada e admirada.

4. Compreende-se então muito bem a impaciência, a angústia e inquietação de quem, com alma naturalmente cristã, não se conforma ante a injustiça pessoal e social: os bens da terra repartidos entre poucos; as vidas humanas, que são santas, porque vêm de Deus, tratadas como simples coisas, sem contar com as discriminações e intolerâncias de todo tipo.

Urge, por isso, considerar o sentido de responsabilidade, tanto pessoal quanto coletivo. A Igreja, do seu lado, tem sempre insistido para que se conheça e difunda o seu ensinamento em matéria social. Foi por este motivo, que decidi promulgar neste ano uma Encíclica, para comemorar o Centésimo aniversário da Encíclica “*Rerum novarum*”, e proclamar 1991: Ano da doutrina social da Igreja.

Caros brasileiros, neste início de Quaresma, quando nos preparamos para presenciar os principais acontecimentos da Redenção humana, faço meu apelo a todos os que — como enfatiza o Texto-Base da Campanha da Fraternidade — “prestam várias formas de serviço na sociedade (...), tenham presente que colaboram na redenção do mundo, na medida em que — este serviço — faz crescer a fraternidade, promove a justiça e alimenta a solidariedade” (n. 177).

Que esta Quaresma, com tão ricos propósitos da Campanha da Fraternidade, sirva para aprofundar os laços de participação entre vós, queridos irmãos do Brasil, e vos dê o sentido sobrenatural das realidades terrenas que compete a todos santificar.

Para confirmar-vos nestes santos propósitos de vida cristã, concedo a todos a minha Bênção Apostólica,

em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Que a Igreja e as pessoas de boa vontade se comprometam com a juventude, como agentes de uma nova evangelização e como força transformadora da Igreja e da sociedade.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Queridos brasileiros!

Irmãos e irmãs:

Hoje, com a Quaresma, a Igreja inicia um tempo de penitência e de reconciliação, para que todos os cristãos caminhem, à luz do Ministério Pascal, no sentido da vida com a esperança de feliz ressurreição no Reino dos Céus.

Ao mesmo tempo, é já tradicional nesta data o lançamento da Campanha da Fraternidade, cujo tema proposto este ano pela CNBB leva como título: Juventude — Caminho Aberto. É com particular satisfação que me dirijo desta vez aos queridos jovens, pois conservo ainda no meu espírito as emoções, as palavras e os gestos de todos, sobretudo dessa mocidade que encontrei na minha Viagem Pastoral realizada no ano passado, e não cesso de dar graças a Deus pelos abundantes frutos alcançados.

A vocês, queridos jovens, fala hoje a Igreja: fala à juventude que caminha e é caminho.

O Papa gostaria de falar pessoalmente com cada rapaz e com cada moça desse querido Brasil, para dizer, e quase revelar a vocês, o imenso potencial de que são portadores. A todos vocês que vivem na cidade ou no campo e são de raças distintas, quero recordar-lhes a justa e exigente aspiração pelos grandes valores que Deus colocou no coração de vocês: são amantes da liberdade e do que é justo e verdadeiro; anseiam pela paz e pela solidariedade entre os homens; exigem, justamente, o respeito pelo que é digno e nobre; sonham também realizar-se na vida, nos estudos e na profissão e, se Deus o permitir, realizar a vocação a que foram chamados para dar continuidade a essas santas e nobres aspirações. Mas, acima de tudo, vejo palpitar nos corações de vocês essa sede de infinito que só será saciada se souberem encontrar o Deus que se fez Homem para nos redimir: esse “Jesus que nos dá a certeza de que ele continua fazendo história conosco e que a cruz não é o fim, mas o caminho da vitória para os que o seguem”.

Meus caros jovens, permitam-me que insista: penso que Cristo tenha simplesmente algo mais para dizer ao homem, e particularmente a vocês. As Suas, “são palavras de vida”. Elas estão cheias de simplicidade, esperando a correspondência do homem. Pode ser que vocês percebam outra vez a verdade e a força que elas têm, e precisamente que são palavras “de vida”, enquanto que as outras, nascidas da mentira, do egoísmo e da ambição desmedida, trazem em si mesmas os germes do pecado e “da morte”.

De alguma maneira, Jesus falava a todos os homens, mas especialmente a vocês, quando, como nos relata São Lucas, detendo um cortejo fúnebre, disse ao jovem que estava para ser enterrado: “Jovem, eu te digo, levanta-te” (Lc 7, 11).

Levantem-se do estado em que se encontram; lembrem-se que em Jesus “está a Verdade sem sombra de mentira, n’Ele o caminho claro e sem desvios, n’Ele está a Vida (cf. Jo 14,6)” (Discurso aos jovens em Cuiabá, 16.10.91). Que busquem a Cristo e, ao encontrá-lo amem-no! Sejam fiéis, não se desviem.

Ouçam mais uma vez a exclamação de São Pedro: “Só Tu tens palavras de vida eterna!” (Jo 6,68). Que a Ressurreição de Cristo, seja também a luz e a força da ressurreição de vocês. O Senhor, do alto da Cruz, diz a vocês: “Levantem-se”.

A estes jovens que caminham, não é possível não amá-los, pois eles são também caminho; portadores de imensos valores, seiva fecunda da humanidade no terceiro milênio que deve ser orientada e amparada.

A eles e por eles, devem dirigir-se todos os esforços e iniciativas da Pastoral da Juventude, ajudando-os a descobrirem a grandeza da fé, com uma adequada formação doutrinal e humana através de uma catequese que ensine a Verdade revelada e suas consequências no campo da moral católica, e a participação na edificação da sociedade civil. A Pastoral da Juventude, respeitando as iniciativas de outros Movimentos e Associações eclesiais de jovens, é sem dúvida um importante foco irradiante de luz para uma adequada evangelização.

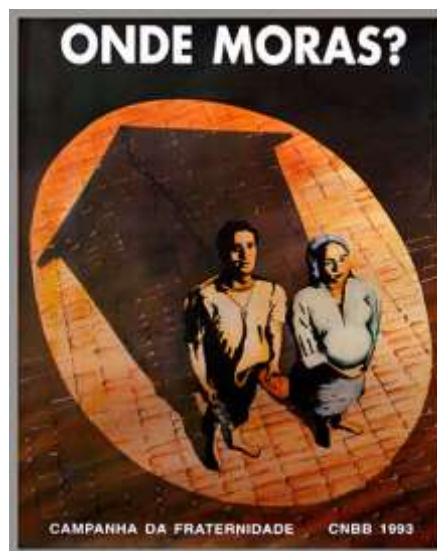
Meus caros jovens, termino renovando aquele apelo que fiz a vocês no ano passado em Cuiabá: “Ofereçam a Jesus seus corações abertos de par em par! Abram confiadamente as almas aos tesouros da verdade cristã! Busquem com empenho uma formação que leve ao amadurecimento da fé!” (Discurso em Cuiabá, 16.10.91)

A Igreja fez a opção preferencial pelos jovens de todas as condições sociais, mas especialmente pelos que sofrem porque desconhecem a verdade e caminham desorientados pelas entradas da vida; pelos abandonados e os que padecem diante das injustiças humanas; pelos doentes — para que não se desesperem, pois o Senhor está mais perto dos que sofrem com santa resignação. A vocês, e a muitos outros, quero dizer-vos:

“Jovem, eu te digo, levanta-te!” (Lc 7,11)

A todos os brasileiros, e especialmente às moças e aos rapazes dessa querida Nação abençoo com particular afeto,

em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Afirmar o direito à terra e à moradia como condição básica para o desenvolvimento de vida plena: do INDIVÍDUO (subjetividade, inviolabilidade), da FAMÍLIA (acolher, gerar, defender e promover a vida), da FRATERNIDADE (solidariedade) e do EXERCÍCIO DA CIDADANIA (condições para viver e morar saudável e dignamente – infra-estrutura, equipamentos sociais e meio ambiente – participar e decidir a vida da cidade).

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Amadíssimos Irmãos e Irmãs do Brasil!

Como venho fazendo todos os anos, à convite da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Quarta-Feira de Cinzas dou por iniciada a CAMPANHA DA FRATERNIDADE com uma mensagem quaresmal, que se destina a transmitir-vos aquilo que vai pelo coração do Papa, e para caminhar no sentido indicado por Cristo Nosso Senhor que, com a sua morte e ressurreição, deu-nos a Vida e no-la deu em abundância.

A Quaresma é, como todos sabem, tempo de penitência e de renovação interior para nos preparar à Páscoa do Senhor, procurando ouvir a voz do Alto, que chega a cada um, na intimidade do coração: Convertei-vos. Voltai-vos para mim de todo o coração (cf. Jl 2,12).

Hoje a Igreja, com o lançamento desta Campanha que, com razão, é dita da Fraternidade, nos quer propor o tema “ONDE MORAS?”, para indicar uma das exigências essenciais do homem, enquanto peregrina sobre a terra, de possuir os meios necessários para ter uma vida digna de filhos de Deus. Deste modo, ela nos convida a não nos esquecer que a nossa fé intima-nos a nunca eludir o compromisso pessoal de sair em defesa da justiça particularmente no âmbito dos direitos fundamentais da pessoa. Cumpre-nos defender o direito, que todos têm, de viver, de possuir o necessário para desenvolver uma existência digna, de trabalhar e descansar, de formar um lar, de passar serenamente o tempo da doença ou da velhice, mas sobretudo de conhecer e de amar a Deus.

Quando alguns dos discípulos encontram a Jesus pela primeira vez, eles perguntam espontaneamente: “Mestre, onde moras?” E o Senhor lhes responde: “Vinde e vede” (Jo 1,37-38). Nós também, que fomos chamados “familiares de Deus” (Ef 2,19), Lhe perguntamos: Aonde vives Senhor? Aonde estás, para que nós possamos estar junto de Ti, e viver na condição de filhos de Deus, criados à Tua Imagem e semelhança? A Igreja – e com ela os seus Pastores – assume a grave responsabilidade de responder, em nome de Deus, vinde e vede! Ela tem o dever inalienável de exigir o respeito da pessoa humana, que tem origem nos direitos derivados da sua dignidade de criatura.

Cristo, o Deus feito Homem, veio à terra nos redimir, sem se afastar minimamente das condições de vida que qualquer pessoa se submete neste mundo. A situação do lar de Nazaré, não era distinta à de tanta gente que experimenta a pobreza, o abandono e a privação. Não lhe faltou, porém, o carinho e o desvelo de Nossa Senhora e de São José que se prodigavam pelo Menino numa vida de doação, de trabalho e de alegria, para que nada Lhe faltasse. E o Senhor certamente hoje no-lo mostraria, tal como o fez aos primeiros discípulos: “Vinde e vede.” Ele nos quer mostrar aquele “lar modelo” de todos os lares cristãos: o abrigo protetor, o espaço da família, o lugar onde se necessita projetar a própria intimidade. O ser humano tem necessidade desse lugar, que não é apenas físico, mas também afetivo, integrador e educativo. A moradia é direito pessoal e familiar. E também importante fator de estabilidade social.

“Se me invocardes, Eu vos escutarei” (Intr. Missa 1ª Dom. Quaresma). Vamos pedir a Deus, para que sejam encontradas as soluções destinadas a resolver o problema da moradia no Brasil. Que ao apelo de cada brasileiro, corresponda uma resposta cheia de solidariedade, de justiça e de caridade. Que todos possam responder com paz e alegria à pergunta: Aonde vives?: Vinde e Vede! E QUE DEUS VOS ABENÇOE E VOS PROTEJA, EM UNIÃO COM NOSSA SENHORA APARECIDA E COM O GLORIOSO SÃO JOSÉ!



O objetivo geral:

Redescobrir os valores da família: Lugar de encontro, espaço de vivência humana, ponto de partida de um mundo mais humano e de acordo com o Plano de Deus. Ao mesmo tempo, a Campanha da Fraternidade quer colaborar na criação de condições sociais e políticas objetivas para que a família possa realizar sua missão. Finalmente, pondo em prática o mandamento do amor fraterno, a Campanha da Fraternidade quer nos ajudar a olhar com confiança para um amanhã novo da família, que já pode ser descortinado.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Brasileiros!

Irmãos e Irmãs:

Saúdo-vos cordialmente neste início da Quaresma, para abrir a Campanha da Fraternidade de 1994 (mil novecentos e noventa e quatro). Faço-o, em união com o episcopado brasileiro convidando a todos quantos Me escutam, a viverem com espírito de fé e recolhimento interior este tempo litúrgico, tempo de verdadeira penitência, destinado à preparação da Páscoa da Ressurreição de Cristo.

Hoje a liturgia da Igreja eleva fervorosas preces a Deus misericordioso com as palavras do Livro da Sabedoria: “Senhor, (...) amais tudo quanto fizestes; perdoai aos pecadores arrependidos” (cf. Sb 11,24-25). Que esta súplica sirva de alento para a conversão dos corações, e, por outro lado, de motivação para o adequado enfoque do tema proposto desta Campanha: “A Família, Como Vai?”.

Se nos perguntássemos, qual é, dentro de toda a obra da criação, uma das instituições mais amadas por Deus, a resposta seria, sem dúvida, a Família. “O matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos para a humanidade” (FC, 1). E, contudo, observa-se com apreensão os rumos por ela tomados, não só no Brasil, como no mundo inteiro. O clima de hedonismo e de indiferentismo religioso, que está na base do esfacelamento de boa parte da sociedade, propaga-se no seu interior e é a causa da desagregação de muitos lares. Precisamente por isto, em coincidência com o Ano Internacional da Família, a Igreja faz um premente apelo à redescoberta da família, “célula primeira e vital da sociedade” (AA, 11).

Ao pensar nos lares cristãos, gosto de imaginá-los semelhantes aos da Sagrada Família de Nazaré: nesta encontrarão uma grande luz que ilumina suas vidas, e os impele a seguir adiante cheios de ânimo, com otimismo, apesar das evidentes dificuldades por que atravessam atualmente. Junto a um consistente núcleo de famílias que se identifica com os ideais cristãos do Evangelho, encontram-se fissuras, cada vez mais amplas, no tecido societário provocadas pelo divórcio e pelas separações de fato — causa principal da juventude abandonada, para além das dificuldades sócio-econômicas; pelas uniões ilícitas, e o egoísmo que envilece o amor entre os cônjuges e atenta inclusive contra a vida dos não-nascidos.

Urge, caros Irmãos, restaurar o sentido cristão do matrimônio. Urge considerá-lo, especialmente dentro da Pastoral das Famílias, como uma vocação à santidade nas realidades ordinárias da vida conjugal; recordem os casais que é sinal revelador da autenticidade do amor conjugal a abertura

à vida (FC, 32), mesmo quando Deus não envia prole. Naturalmente as responsabilidades de procriação estendem-se também ao empenho de fazer crescer os filhos numa vida humana e cristã, através de uma sadia e contínua obra educadora. Por isso, dizia-O na Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, que “baseada no amor e aberta ao dom da vida, a família leva em si o futuro mesmo da sociedade” (n. 2).

O Papa hoje queria falar ao coração de cada brasileiro e de cada brasileira que O escuta: revalorizai, com generosidade e fé, os valores do matrimônio; renovai, ao mesmo tempo, vossa confiança na Igreja que, ao defender a família, cria as bases de uma pacífica convivência humana e de abertura do homem para Deus (cf. VS, 96).

Que a Campanha da Fraternidade que hoje se inicia seja ocasião e estímulo para que as famílias cristãs abram-se à luz de Cristo: sejam elas portadoras aos seus semelhantes da alegria de sentir-se filhos de Deus.

Exorto-vos, irmãos e irmãs, a deixar-vos conduzir pelo Espírito de Deus, a romper com as cadeias do pecado e do egoísmo. Fazei da família um remanso de paz e de alegria. Pedi a Deus que em cada lar cristão se reproduza de algum modo o mistério da Igreja, escolhida por Deus e enviada como guia do mundo.

Que nesta Quaresma, o poder santificador do Espírito, que desceu sobre a Virgem de Nazaré desça também sobre todas as famílias do Brasil. Com esta prece, envolvendo em igual estima a todos, vos abençoo:

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!



O objetivo geral:

Quer contemplar aqueles que seriam os mais abandonados, os que se sentem esquecidos, negados na sua humanidade. E não se refere só aos excluídos pela situação econômica. Há excluídos também nos países ricos, que têm muitos recursos. O fato, porém, de o Brasil ser um país de Terceiro Mundo, dominado por um sistema que fabrica e acentua a exclusão, torna mais dramática a situação de mendigos, prostitutas, encarcerados, doentes e outros.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Meus amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo!

Queridos Brasileiros:

Promovida pelos Senhores Bispos, vai começar mais uma Campanha da Fraternidade neste dileto país sobre o tema “Eras tu, Senhor”, lembrando o dever do cristão de acolher cada pessoa como irmão ou irmã na pessoa de Jesus Cristo.

Quem não se recorda daquelas palavras de Jesus: “Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino, e recolhestes-me”... (Mt 25,35). A descrição do juízo Final, que o Senhor compara a um banquete ao qual o rei convida a todos os povos a nele participar, reacende com vigor na consciência humana a sentença divina proferida pelo Senhor: “Todas as vezes que vós fizestes isto a um destes irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Há um dever de acolher a todos que deve manifestar-se para com os mais infelizes da sociedade, que o próprio Cristo no-lo recorda ao pedir para ser amado e servido nos irmãos que padecem todo o tipo de sofrimento: famintos, sedentos, peregrinos, nus, doentes, encarcerados... Aquilo que for feito a cada um deles é feito ao próprio Cristo (cf. Mt 25,31-46). É o anúncio da fraternidade, que deve realizar-se no âmbito da sociedade como um todo, mas sobretudo deve ser assumido por cada cristão, por cada homem de boa vontade, como um imperativo da justiça evangélica. A Quaresma, tempo de conversão e penitência, se destina a preparar-nos para a Páscoa: a passagem do Senhor. É chamado a maior empenho a vivermos como filhos de Deus e todos irmãos em Cristo: é apelo à salvação e à fraterna solidariedade, para que todos tenham a Vida, se tornem livres em adesão à Verdade e trilhem o Caminho da purificação do pecado e da libertação do mal que ele traz consigo, em plano pessoal e social.

O Papa não se esquece de todos aqueles, homens e mulheres, crianças e anciãos, do campo ou da cidade – parecem como se não existissem — e lembra como o Senhor, em certa ocasião, chamando os seus discípulos, disse: “Tenho compaixão deste povo... não têm o que comer; não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho” (Mt 15,32).

Por isso, venho recordar a todos que não é possível verdadeiro progresso na sociedade, se faltar um profundo sentido de solidariedade entre todos. O povo brasileiro sempre tem sido generoso e capaz de suprir, por vezes com verdadeiras mobilizações populares, para ajudar os que sofrem.

A ordem social e o seu progresso devem reverter-se sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não ao contrário; foi o próprio Senhor que o insinuou ao dizer que o sábado fora feito para o homem, não o homem para o sábado (cf. Mc 2,27). Essa ordem, fundada na verdade, construída sobre a justiça e vivificada pelo amor, deve ser cada vez mais desenvolvida no respeito pela dignidade humana. Para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais (cf. GS, 26).

É este o caminho da fraternidade, em direção à Páscoa litúrgica e à Páscoa eterna, onde Cristo nos espera, para dizer: “a mim o fizestes!” “Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo” (Mt 25,34).

Para que vos prepareis a esta acolhida de Cristo, dou-vos a bênção,
em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!



O objetivo geral:

Contribuir para a formação política dos cristãos para que exerçam sua cidadania sendo sujeitos da construção de uma sociedade justa e solidária.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Irmãos e Irmãs do Brasil:

“Levai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6, 2).

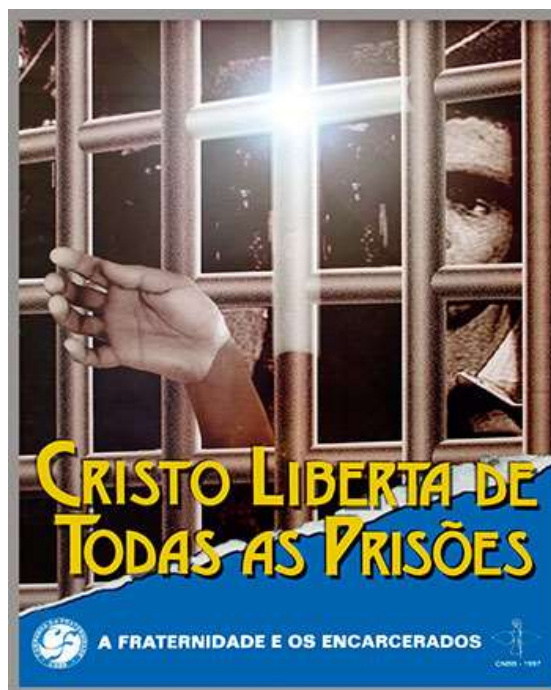
Com estas palavras de São Paulo, gostaria de enviar a vocês que me escutam pela Rádio ou pela Televisão, uma palavra amiga de Pastor, em união de intenções, agora que a Igreja que está no Brasil inicia hoje, Quarta-Feira de Cinzas, mais uma Campanha da Fraternidade, sob o lema FRATERNIDADE E POLÍTICA, Justiça e Paz se abraçarão. Peço a Deus Nosso Senhor que conceda abundantes luzes da Santa Cruz, para que a Quaresma sirva de reflexão e de estímulo a uma verdadeira conversão dos corações a Deus e aos irmãos, tornando o Mandamento da Caridade como imperativo de vida para uma aurora de paz e de justiça.

Vivei como irmãos e irmãs, deixando-se conduzir pelo Espírito de Deus, rompendo com as cadeias do pecado e do egoísmo. Peço ao Todo-Poderoso que esta Campanha sirva como forte apelo a uma mudança pessoal e profunda de todos os cidadãos, a fim de que cada qual, vencendo o isolamento e o individualismo, saiba ser solidário com os demais: assuma o compromisso de empenhar-se, em espírito de autêntico serviço à Comunidade, na construção de uma sociedade justa e fraterna segundo seus dons e suas responsabilidades.

No vosso País, possuído de inegáveis valores, aberto à solidariedade e ao mútuo respeito, existe, às vezes, certa crise de confiança nas Instituições. É preciso reagir, baseando-se nos valores da honestidade, da retidão, e da dedicação generosa ao bem-estar da Comunidade. O que deve estar à frente, hoje, a todos os que procuram o verdadeiro bem estar da Nação é, por conseguinte, contribuir para que se consolide o entendimento entre cidadãos e Instituições.

São estes os votos do Papa! Votos de paz e de concórdia em Cristo ressuscitado, o único que pode, realmente, trazer a verdadeira Paz; votos do Papa que de Roma abraça a todos vocês e vos abençoa,

em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!



O objetivo geral:

Despertar a sensibilidade e solidariedade dos cristãos, e de todos os homens e mulheres de boa vontade, para com as vítimas e para com os encarcerados, ajudando-os a perceberem a realidade carcerária do Brasil e a se comprometerem na realização das mudanças necessárias. Acompanhar as vítimas e ajudá-las a enfrentar os seus problemas e a perdoar. Ajudar os presos e presas a se tornarem sujeitos ativos no seu processo de conversão e de reinserção na sociedade. Colaborar com as autoridades legislativas, judiciárias, policiais, penitenciárias na sua tarefa de fazer as reformas e as leis necessárias. Participar ativamente no processo de mudança da sociedade toda

para superar os preconceitos, aprimorar a educação, e fiscalizar a aplicação das leis. Colaborar com os Meios de Comunicação Social e os formadores de opinião no desempenho das suas tarefas. Criar estruturas de atendimento e ajuda aos presos e seus familiares. Incentivar a busca de formas alternativas à pena de prisão e de implementar a sua realização. Ajudar os educadores e educadoras a realizar a educação para a fraternidade, a reconciliação e a responsabilidade pelo bem de todos. Estabelecer parcerias com as Igrejas e organizações da sociedade civil que trabalham nestes campos.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos irmãos e irmãs em Jesus Cristo!

Queridos brasileiros:

“Quando me invocar, eu o atenderei; Na tribulação estarei com ele; Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória”.

Com estas palavras da liturgia da Igreja do primeiro Domingo da Quaresma, vamos dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, que tem como lema “Cristo liberta de todas as prisões”, para que todos os que me escutam pela Rádio ou pela Televisão, unidos ao Papa que lhes fala, possam sentir-se interpelados, como a mesma Conferência Nacional dos Bispos do Brasil vem sugerindo aos católicos de todo o Brasil, a progredir no caminho do perdão, do amor, da bondade, da justiça e do serviço aos outros.

Por uma feliz coincidência, 1997, dedicado à reflexão sobre Jesus Cristo, marca o início da fase preparatória do Grande Jubileu da Redenção do Ano 2000. O motivo que levou-me a escrever a Carta Apostólica “*Tertio Millenio Adveniente*” exortava a suscitar em “cada fiel um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renascimento pessoal, num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado” (42).

Neste sentido, a fraternidade, iluminada pela “caridade que vem de Deus” (1Jo 4,7), anima-nos a colaborar com o divino propósito de unir o que está dividido, de reconduzir o que se extraviou, de restabelecer a divina concórdia em toda a criação. Todos os nossos irmãos submetidos às mais diversas formas de prisão, especialmente pelo jugo do pecado, aguardam um gesto de paz e de solidariedade, mas sobretudo de justiça cristã, que possa reconduzi-los no caminho do bem e da esperança.

Faço votos de que Cristo, nossa Páscoa, ilumine sempre mais de paz e de compreensão os lares de todo o Brasil, e invoco a proteção e a misericórdia do Redentor dos homens pelos que sofrem no corpo e na alma, pelos jovens e anciãos: o Papa reza por todos, e os exorta a confiar em Maria Santíssima, a Mãe do Redentor, Nossa Senhora Aparecida, e a todos abençoa,

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Colaborar com as pessoas na sua busca de realização; favorecer a criação e o fortalecimento de comunidades onde todos participem e se apoiem fraternalmente; estimular o exercício da

cidadania, em favor de uma sociedade justa e solidária; promover ações para a erradicação do analfabetismo em sentido amplo.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Irmãos e Irmãs do Brasil:

“Reconciliai-vos com Deus... Este é o tempo propício” (2Cor 5,20; 6,2).

Mais uma vez dirijo-me a todos os que me escutam pela rádio ou pela televisão para dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, que tem como lema “Fraternidade e Educação: A Serviço da Vida e da Esperança”. Por uma feliz coincidência, todos os fiéis são chamados a redescobrir, neste segundo ano de preparação para o Jubileu do Ano Dois Mil, a virtude teologal da esperança, que — como diz o Apóstolo São Paulo — tiveram “conhecimento pela palavra da verdade, o Evangelho” (Cl 1,5).

A Quaresma abre-nos o caminho para a reconciliação com Deus, que é a verdadeira esperança dos redimidos em Cristo Jesus. Mas para atingir os homens de todos os tempos, não podemos perder de vista “as motivações sólidas e profundas — como já tive ocasião de dizer — para o empenho quotidiano na transformação da realidade a fim de a tornar conforme ao projeto de Deus” (TMA, 46). Uma educação que promova, de um lado, o crescimento e amadurecimento da pessoa humana em todas as suas dimensões: material, intelectual, moral, espiritual e religiosa; e por outro, a formação integral para a solidariedade e a cidadania, que combata a chaga do analfabetismo e seja promotora da paz e do bem-estar social vem a ser, sem dúvida, uma forma de exercer a caridade, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento para que o indivíduo seja agente da sua própria formação. Mais ainda: uma benéfica e contínua obra educadora deve partir essencialmente da família, pois é nela donde se forja o mesmo futuro da sociedade. Faço votos de que as máximas instâncias da Nação se empenhem em favorecer meios e instituições para o progresso humano e cristão dos seus cidadãos.

Peço a Deus que ilumine o amado povo brasileiro, para que todos saibam ser “protagonistas da civilização do amor, a caminho. do Terceiro Milênio, trabalhando pela construção do País, plenos de solidariedade e sadia convivência”. Com estes auspícios vos abençoo,

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.



O objetivo geral:

Contribuir para que a comunidade eclesial e a sociedade se sensibilizem com a grave situação dos desempregados, conheçam as causas e as articulações que a geram e as consequências que dela decorrem; Denunciar, conseqüentemente, modelos sócio-político-econômicos, tais como certas formas de neoliberalismo sem freios éticos, que causam desemprego quer estrutural quer não

estrutural e, igualmente, impõem padrões de consumo insaciável e exacerbem a competição e o individualismo; Anunciar uma sociedade baseada em novos paradigmas, onde a pessoa humana seja o centro, a vida não se subordine à lógica econômica idolátrica e o trabalho não se reduza à mera sobrevivência, mas promova a vida, em todas as suas dimensões; Abrir, assim, perspectivas sobre novas relações e novas formas de trabalho renunciadas para o Novo Milênio; Incentivar amplo movimento de solidariedade para manter viva a esperança dos que enfrentam diretamente o problema do desemprego, promovendo iniciativas concretas de geração de trabalho e renda, no paradigma da solidariedade cristã; Mobilizar a própria Igreja para se colocar mais ainda profeticamente a favor da justiça e da solidariedade, principalmente em relação aos desempregados e às desempregadas.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Irmãos e Irmãs do Brasil:

«O Reino dos céus é semelhante a um pai de família que, ao romper da manhã, saiu a contratar operários para a sua vinha» (Mt 20,1).

1. Com estas palavras da Sagrada Escritura, desejo unir-me a toda a Igreja que está no Brasil, para dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, que tem como tema: «A Fraternidade e o Desemprego». Caminhamos decididamente em direção ao Jubileu do Ano 2000 e, nesta perspectiva, volto a «afirmar que o empenho pela justiça e pela paz num mundo como o nosso, marcado por tantos conflitos e por intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, é um aspecto qualificante da preparação e da celebração do Jubileu» (TMA, 51).

2. Certamente, poder trabalhar na vinha do Senhor é um dom divino. Esta visão da posse definitiva do Reino celestial, apresentada na parábola dos operários da vinha, não exclui, antes reforça a necessidade de compreender o direito ao trabalho neste mundo. A Quaresma, como momento forte de conversão a Deus, mediante a penitência e a oração, é ocasião de reflexão e de propósitos para que todos os homens e mulheres de boa vontade se sintam protagonistas «da “civilização do amor” fundada sobre os valores universais de paz, solidariedade, justiça e liberdade, que encontrem em Cristo a sua plena atuação» (TMA, 52). O pão é «fruto da terra e do trabalho do homem», mas o fenômeno mundial desconcertante do desemprego e do subemprego, deve interpelar cada vez mais a consciência de todos os cristãos, diante da angustiada questão proposta pela Campanha da Fraternidade: «Sem trabalho... por quê?» (cf. *Sollicitudo rei socialis*, 18).

3. Ao fazer votos por que não se deixem de empregar todos os meios disponíveis, já sugeridos por mim, para aliviar o drama do desemprego, na celebração do Dia Mundial da Paz deste ano (cf. n. 8), invoco abundantes luzes do Alto e a bênção para todos os que me escutam.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!



O objetivo geral:

Unir as Igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de uma vida digna para todos, na denúncia das ameaças à dignidade humana e no anúncio do evangelho da paz.

A campanha da fraternidade de 2000 foi ecumênica coordenada pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Elas ajudaram a fortalecer o ecumenismo e foram importantes

para a Igreja no Brasil. Pe. José Alberto Vanzella comentando as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas, diz como nasceram e os temas refletidos. “O Projeto Rumo ao Novo Milênio foi responsável pelo surgimento da Campanha da Fraternidade Ecumênica. ‘Temos pouca experiência no campo do diálogo e as atividades estão ainda em fase de experimentação. É necessário constituir grupos que desenvolvam estudos e iniciativas neste campo; promover atividades em colaboração com outras Igrejas e grupos culturais, começando pela celebração da Semana da Unidade. Sugere-se que a Campanha da Fraternidade do ano 2.000 seja ecumênica, em colaboração com o CONIC, assim como o manifesto sobre a Dívida Externa e a carta de princípios sobre o Brasil que queremos”.[1]

Para concretizar esta proposta, o CONIC coordenou os trabalhos de preparação, realização e avaliação da Campanha da Fraternidade do ano de 2000, que teve como tema: “Dignidade humana e paz, e como lema: “Novo milênio sem exclusões”.

O êxito conquistado por esta Campanha motivou o CONIC a solicitar uma nova Campanha da Fraternidade Ecumênica. O pedido foi apresentado formalmente na 40ª Assembleia Geral, que aconteceu em 2002 para que esta fosse realizada em 2005. A Assembleia aprovou o pedido e esta Campanha aconteceu, tendo como tema: “Solidariedade e paz” e como lema: “Felizes os que promovem a Paz”.

O pedido foi novamente apresentado à CNBB na sua 45ª Assembleia Geral, que aconteceu em 2007 e foi aprovado para o ano de 2010, que teve como tema: “Economia e vida”, e como lema: “Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro”.

Por ocasião da 50ª Assembleia Geral, acontecida em 2012, o CONIC apresentou novamente o pedido para uma Campanha Ecumênica a ser celebrada em 2015. Como para 2015 havia o desejo de uma Campanha da Fraternidade lembrando os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, não foi aprovado o pedido. Permanecendo em aberto, a celebração de uma Campanha da Ecumênica para o futuro”.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Irmãos e Irmãs do Brasil:

A Campanha da Fraternidade reveste-se de particular significado neste ano jubilar, em que, vêm-se juntar, nessa amada Terra da Santa Cruz, as celebrações dos quinhentos anos do seu descobrimento. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sugeriu como tema central “Dignidade Humana e Paz”, e Me congratulo com a iniciativa pois uma verdadeira paz não se pode construir se não através do respeito pela dignidade humana.

Na Quaresma, que hoje se inicia, abre-se promissor o sulco da graça de Deus que através da observância quaresmal da Igreja poderá contribuir para que os homens e as mulheres do nosso tempo possam viver, com maior empenho, os valores da paz, da liberdade, da vida divina e da perfeita comunhão com os irmãos. Neste tempo litúrgico, há um apelo premente a fim de que todos os cristãos unam-se, em fraterna disponibilidade, para uma nova aurora de solidariedade e de respeito pela dignidade humana, que é a de filhos de Deus redimidos por Jesus, nosso Irmão e Redentor.

O Brasil festejará, dentro de pouco, cinco séculos de história, que coincide com cinco séculos de evangelização. Ninguém deverá sentir-se excluído desta alegria. Possa o Divino Consolador fazer com que todos se sintam igualmente comprometidos a partilhar plenamente deste júbilo com seus irmãos na fé, sendo coresponsáveis com a Igreja em sua missão pastoral e salvadora. Por isso, elevo a Deus, rico em misericórdia, ardentes preces para que este Ano Santo seja tempo de abertura, de diálogo e de aproximação entre todos os cristãos na caminhada ecumênica promovida pelo CONIC, Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil, para que todos os homens creiam em Cristo. “Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença dEle no próximo século e nos sucessivos “(TMA, 60).

Sejam estes votos penhor do apreço do Papa para todos os brasileiros, para quem invoco abundantes graças de paz e de concórdia *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.*

[1] CNBB, PRNM n.124.



O objetivo geral:

Mobilizar a comunidade eclesial e a sociedade brasileira para enfrentar corajosamente o grave e complexo problema das drogas, que arruina milhares de vidas e afeta profundamente a paz social.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Caríssimos Irmãos do Brasil:

É com viva satisfação que dou início à primeira Campanha da Fraternidade do novo milênio, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil durante a Quaresma deste ano, com o lema: “Vida sim, drogas não”.

Permanece ainda viva na memória o Ano Jubilar, recém terminado; queira Deus Misericordioso tenha sido fonte copiosa de graças e consolações para todos os cristãos, pois Ele enviou Seu Filho na terra para “que todos tenham vida e a tenham em abundância” (cf. *Jo* 10, 10). Sim, caros irmãos e irmãs! Que todos tenham a verdadeira vida alcançada pelo amor misericordioso de nosso Salvador, Jesus Cristo.

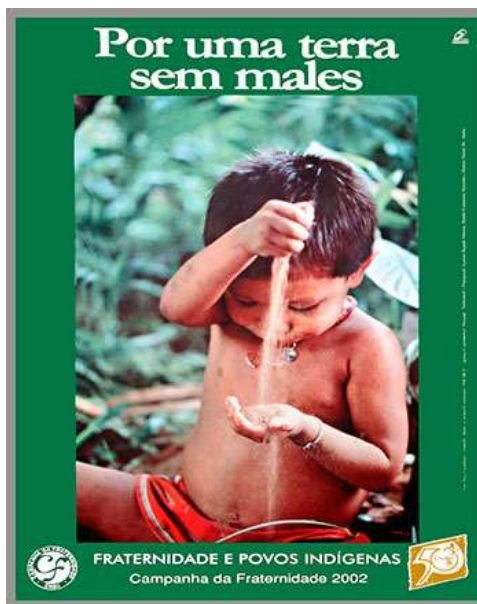
A Quaresma quer ser um apelo à conversão dos corações, pela oração e pela penitência, auspiciando que no “combate contra o espírito do mal, sejamos fortalecidos com o auxílio da temperança”, como se reza na Oração Coleta da Quarta-feira de Cinzas. Hoje, a Igreja no Brasil quer ajudar a participação de toda a sociedade na prevenção do uso indevido de drogas. Faço votos de que seja precisamente este espírito cristão de temperança, vivido e testemunhado, o caminho para dar início à nova vida de união com Cristo.

Estes são os auspícios que faço especialmente para todos aqueles que se deixaram envolver nas redes das drogas. Muitos daqueles que, infelizmente, caíram na malha das substâncias entorpecentes testemunham que tal experiência foi uma fuga de si próprios e da realidade. A droga é, com frequência uma fuga de si próprios e da realidade. A droga é, com frequência, fruto do vazio interior, renúncia e perda de orientação que conduz, às vezes, ao desespero. Eis porque a droga não se vence com a droga, mas requer uma vasta ação de prevenção, a fim de que a cultura da morte seja substituída pela cultura da vida.

É necessário oferecer aos jovens e às famílias motivos concretos de esperança e auxiliá-los eficazmente nas dificuldades de cada dia. A verdadeira alternativa às numerosas substâncias nocivas que entorpecem a pessoa humana foi encontrada por muitos no seio de uma comunidade que, para além das soluções técnicas prestadas, ofereceu um itinerário humano e espiritual permitindo sair do abismo da droga e ressurgir de novo para a vida, a fim de que possam oferecer como protagonistas sua contribuição na edificação de uma sociedade livre de todo o tipo de droga. A Igreja é grata a todos os que prestam este serviço competente e desinteressado à vida e à dignidade humana.

Se a fé passa através de tudo aquilo que vivemos, será com o exemplo de uma vida simples e sóbria que os homens e as mulheres do Brasil testemunharão que Cristo está no meio de nós. Sede portadores da esperança para as vítimas deste flagelo social, especialmente entre os jovens. É quando a família brasileira está ameaçada por estes males, que a esperança em Cristo ressuscitado nos dá a certeza de libertação e salvação.

Peço a Deus, pela intercessão de Nossa Senhora Aparecida, que proteja o Brasil e sua gente e envio, em sinal do mais sincero afeto pela Terra da Santa Cruz, *uma propiciadora Bênção Apostólica.*



O objetivo geral:

Motivar a conversão das pessoas, da sociedade e da própria Igreja para a solidariedade, a justiça, o respeito e a partilha, dando especial destaque, desta vez, aos povos indígenas. É um convite a todos os cristãos para engajarem-se na esperançosa luta pela conquista e garantia dos direitos dos povos indígenas. É também uma oportunidade para compartilharmos valores, sabedoria, conhecimentos e formas de ver a realidade. Ao refletirmos sobre a causa indígena, vamos assumir um compromisso concreto com suas lutas, em defesa de suas identidades étnicas, “suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. (Const. Brasil, art., 231).

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Ao Venerável Irmão no Episcopado

Raymundo Damasceno Assis

Secretário-Geral da CNBB

«Eis o tempo oportuno, eis o dia da salvação» (2Cor 6,2).

Com estas palavras da Sagrada Escritura, desejo unir-me a toda a Igreja que está no Brasil, para dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, que tem como tema «Fraternidades e povos indígenas» e como lema «Por uma terra sem males», com os votos de que seja estimulada a fraternidade cristã com todos os povos da mesma família humana.

Neste “tempo oportuno, tempo de salvação”, que é a Quaresma, invocamos a luz do Altíssimo a fim de que conceda a todos o arrependimento e o conhecimento da verdade (cf. 2Tm 2,25). E a verdade, como já tive ocasião de dizer na minha 2ª viagem pastoral ao Brasil, é que «aos olhos de Deus (...) só existe uma raça: a raça dos homens chamados a serem filhos de Deus. Só existe um povo, formado de muitos povos, cada um deles com seu modo de ser, sua cultura e suas tradições: a humanidade que Jesus resgatou, e salvou, com o preço do seu Sangue» (*Discurso*, 16/10/1991, 1). Ora, «aos que se voltam com fé para Cristo, autor de salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento desta unidade salutar. Destinada a estender-se a todas as regiões, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo que transcende os tempos e as fronteiras dos povos» (*LG*, 9). Deste modo, a Igreja quer introduzir o Evangelho nas culturas dos povos, transmitindo-lhes sua verdade, assumindo, sem comprometer de modo algum a especificidade e a integridade da fé cristã, o que de bom existe nessas culturas e renovando-as a partir de dentro (cf. *Redemptoris missio*, 52), levando a todos a mensagem de salvação realizada por Cristo.

Enquanto Cristo não conheceu o pecado mas veio apenas expiar os pecados do povo, a Igreja, «contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação»(LG, 8). Eis o “tempo oportuno!” Na sua dimensão *penitencial e batismal* (SC, 109), a Quaresma leva a todos os batizados a reviverem e a aprofundarem todas as etapas do caminho da fé, para que, consciente e generosamente, renovem sua aliança com Deus. A consciência da filiação divina pelo Batismo, poderá servir então de renovação espiritual e de fraternidade com seus irmãos, sobretudo com os que clamam por uma maior justiça e solidariedade.

Por isso, a Igreja permanecerá sempre ao lado dos que sofrem as consequências da pobreza e da marginalização, e seguirá estendendo sua mão materna aos povos indígenas para colaborar na construção de uma sociedade onde todos e cada um, criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), vejam respeitados seus direitos, tendo condições de vida conforme sua dignidade de filhos de Deus e irmãos em Jesus Cristo.

Peço a Deus, pela intercessão de Nossa Senhora Aparecida, que proteja o Brasil e sua gente e envio, em sinal do mais sincero afeto pela Terra da Santa Cruz,
uma propiciadora Bênção Apostólica.



objetivo geral:

Motivar todas as pessoas, para que, iluminadas por valores evangélicos, sejam construtoras de novos relacionamentos, novas estruturas, que assegurem valorização integral às pessoas idosas e respeito aos seus direitos.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Ao Venerável Irmão no Episcopado

Jayme Henrique Chemello

Presidente da CNBB

“Ensinaí-nos a contar os nossos dias, para que guiemos o coração na sabedoria» (Sl 90[89],12). É com particular afeto que saúdo o episcopado do Brasil e todo o povo dessa amada Nação que, por ocasião da Quarta-feira de Cinzas, inicia sua caminhada em direção à Páscoa da Ressurreição, com o estímulo de uma nova Campanha da Fraternidade, este ano com o lema: «*Vida, dignidade e esperança*».

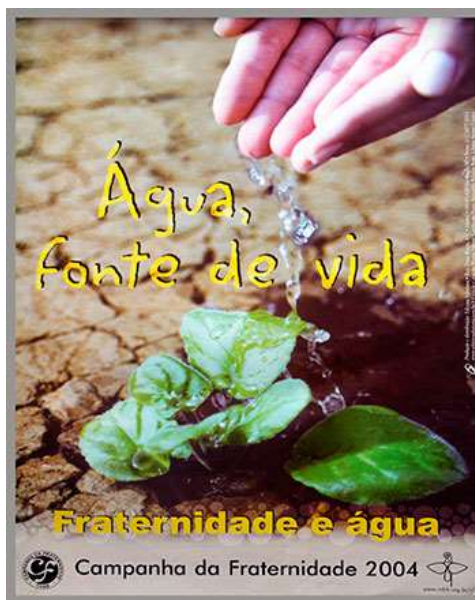
O empenho sincero em refletir e aprofundar, precisamente dentro do período da Quaresma, o tema da fraternidade com as pessoas idosas, pode ser enquadrado no marco da “sabedoria”. Dentro da própria existência, os anciãos são convidados a viver o plano que Deus tem para cada um, repetindo com o salmista: «de vossos decretos eu não me desvio, porque vós mos ensinastes» (Sal118, 102). Por sua vez, a certeza de que o tempo da vida é limitado, leva-lhes a encarar todas

as coisas à luz da Verdade divina, reconhecendo a relatividade de qualquer outra realidade. Mas a vida terrena, apesar dos seus limites e sofrimentos, conserva sempre um seu valor e deve ser aceita até o fim. Para o cristão ela «assume os contornos de uma “passagem”, de uma ponte lançada da vida à Vida, entre a alegria frágil e insegura desta terra e o gozo total que o Senhor reserva aos seus servos fiéis» (*Carta aos Anciãos*, 16).

A Igreja, perita em humanidade, indica, por mandato do Redentor, o caminho para bem espiritual e humano, caminho de reconciliação e de penitência, mediante a conversão pessoal e a solidariedade com o próximo. Tal solidariedade, hoje necessária especialmente com os anciãos, é devida ao aumento da idade média, que o progresso da medicina tornou possível. A velhice sempre existiu, mas ela hoje apresenta-se com características particulares por causa da maior longevidade das pessoas. É necessário, portando, programar com urgência o auxílio a esses nossos irmãos e irmãs. Isto requer uma mudança de mentalidade: à cultura utilitarista e materialista, que mede o valor do homem por aquilo que ele produz e consome, é urgente substituir por uma cultura que reconheça o valor “absoluto” de cada pessoa, seja qual for o grau de capacidade e eficiência que disponha.

Faço votos de que seja dada nova vida aos programas sociais e de saúde de amparo à velhice, não só por parte das instituições públicas e privadas, mas também através das diversas pastorais diocesanas. Meu pensamento se dirige a todos os anciãos do Brasil, de modo especial aos viúvos e às viúvas, aos religiosos e religiosas anciãos e aos caríssimos irmãos no sacerdócio. A todos os que se encontram nos Lares para Anciãos, nas casas de repouso, nos hospitais e, sobretudo, aos pobres envio meu caloroso abraço e meu encorajamento a fim de que não se deixem arrastar pelo desânimo. Se Deus permite o sofrimento devido a enfermidade ou a qualquer outro motivo, «dá-nos sempre a graça e a força para que nos unamos com mais amor ao sacrifício do seu Filho e participemos com mais intensidade no seu projeto salvífico» (*Ibid*, 13).

A todos queridos anciãos brasileiros envio, como estímulo para a sua presença válida na sociedade, em penhor de abundantes favores de Deus,
uma especial Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

Conscientizar a sociedade que a água é fonte da vida, uma necessidade de todos os seres vivos e um direito da pessoa humana, e mobilizá-la para que este direito à água com qualidade seja efetivado para as gerações presentes e futuras.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Ao Venerável Irmão no Episcopado

Cardeal Geraldo Majella Agnelo

Presidente da CNBB

Por ocasião da Campanha da Fraternidade que a CNBB vem promovendo há já 40 anos, desejo-lhe exprimir minha satisfação por ter a oportunidade de dirigir-me a todos os fiéis unidos em Cristo, com a renovada esperança de conversão e de reconciliação, que a Quaresma em nós suscita em preparação da Páscoa da Ressurreição. É um tempo em que cada cristão é convidado a refletir de modo particular sobre as várias situações sociais do povo brasileiro, que requerem maior fraternidade. Neste ano, o lema escolhido foi: “Água, fonte de vida”.

Como é do conhecimento de todos, a água tem enorme importância para a terra: sem este precioso elemento, a terra se transformaria rapidamente num deserto árido, lugar de fome e de sede, em que homens, animais e plantas estariam condenados à morte. Além de condição de vida na terra, a água tem também o poder de lavar e purificar, fazendo desaparecer as impurezas.

Precisamente por isso, na Sagrada Escritura a água é considerada como símbolo de purificação moral: Deus “lava” as culpas do pecador (cf. Sl 50,4). Durante a última Ceia, Jesus lava os pés aos seus discípulos. Diante dos protestos de Pedro, Jesus responde: “Seu Eu não tos lavar, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Mas é no Batismo cristão que a água adquire seu pleno sentido espiritual de fonte de vida sobrenatural, como o mesmo Cristo proclama no Evangelho: “Quem não nascer da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no reino de Deus” (Jo 3,5).

O Batismo põe-se, portanto, como caminho que leva à Vida com Deus. O neófito, movido pela ação da graça do Espírito, recebe a participação para a vida nova em Cristo (cf. Gl 3,27-28).

Feito nova criatura, o batizado pode e deve orientar as relações com o seu semelhante e com toda a criação, conforme a justiça, a caridade e a responsabilidade que Deus quis confiar à solicitude do homem (cf. Gn 2,15). Nasce daí, para cada indivíduo, específicas obrigações no que diz respeito à ecologia. O seu cumprimento supõe a abertura para uma perspectiva espiritual e ética que supere as atitudes e os estilos de vida egoístas, que acarretam o esgotamento das reservas naturais.

Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos. É necessário prestar atenção aos problemas decorrentes da sua evidente escassez em muitas partes do mundo, e não só do Brasil. A água não é um recurso ilimitado. Seu uso racional e solidário exige a colaboração de todos os homens de boa vontade com as autoridades governamentais, para conseguir uma proteção eficaz do meio ambiente, considerado como dom de Deus (cf. Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 25). É uma questão que necessita, portanto, ser enquadrada de forma a estabelecer critérios morais baseados precisamente no valor da vida e no respeito pelos direitos e pela dignidade de todos os seres humanos.

Ao dar início à Campanha da Fraternidade de 2004, renovo a esperança de que as diversas instâncias da sociedade civil, às quais se unem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e demais Igrejas e organizações religiosas e não religiosas, possam garantir que a água permanecerá, de fato, fonte abundante de vida para todos. Com estes auspícios, invoco a proteção do Senhor, Dador de todos os bens, para que sua mão benfazeja se estenda sobre campos, lagos e rios dessa Terra da Santa Cruz, derramando em abundância seus dons de paz e de prosperidade e que, com a sua graça, desperte em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação. *Com uma especial Bênção Apostólica.*



O objetivo geral:

Unir Igrejas cristãs e pessoas de boa vontade na superação da violência, promovendo a solidariedade e a construção de uma cultura de paz.

Carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II

Ao Venerável Irmão no Episcopado

Cardeal Geraldo Majella Agnelo

Presidente da CNBB

Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil

Com as minhas mais cordiais saudações aos cristãos do Brasil, que percorrem o itinerário espiritual da Quaresma a caminho da Páscoa da ressurreição do Senhor, desejo uma vez mais aderir à Campanha da Fraternidade, que neste ano de 2005 estará subordinada ao tema “Solidariedade e Paz – Felizes os que promovem a paz”. A feliz iniciativa, promovida pela Igreja Católica há mais de quarenta anos, estendeu-se a todas as denominações cristãs representadas no CONIC – “Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil”, constituindo assim uma significativa ocasião de colaboração ecumênica.

No mundo em que vivemos, abalado com frequência pela violência e marcado pelo indiferentismo, os cristãos que partilham o empenho pela promoção da paz e da solidariedade, tornam-se instrumentos eficazes de evangelização e um exemplo para todos a fim de construir uma sociedade mais fraterna e mais atenta às necessidades dos pobres e indigentes.

O marco ecumênico da “Campanha da Fraternidade” deste ano, e a colaboração dela originada, facilitará aos cristãos do Brasil um melhor conhecimento recíproco e uma maior estima mútua (cf. *Unitatis redintegratio*, 12).

Desejo de todo o coração que, graças a esta cooperação e com a ajuda do Espírito Santo, a “Campanha da Fraternidade Ecumênica” contribua a aprofundar na comum pertença a Cristo, estimule a conversão pessoal e comunitária, dilate a caridade e assuma as dimensões de um anúncio que revela o rosto de Cristo (*Ut unum sint*, 75), a fim de celebrar com fruto o Mistério Pascoal do Senhor.

Com uma especial Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

Conhecer melhor a realidade das pessoas com deficiência e refletir sobre a sua situação, à luz da Palavra de Deus e da ética cristã, para suscitar maior fraternidade e solidariedade em relação as pessoas com deficiência, promovendo sua dignidade e seus direitos.

Carta de Sua Eminência o Cardeal Angelo Sodano

Secretário de Estado

Eminência Reverendíssima

Cardeal Geraldo Majella Agnelo

Presidente da CNBB

Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil

O Santo Padre acolheu com vivo apreço o pedido de uma Mensagem por ocasião da Campanha da Fraternidade de 2006, confiando-me o grato encargo de Lhe servir de intérprete por este significativo evento para a Igreja no Brasil, mediante as palavras abaixo transcritas:

“Sua Santidade o Papa Bento XVI deseja saudar, com sentimentos de viva cordialidade, o Senhor Arcebispo e a Igreja que está no Brasil, para manifestar a Sua presença espiritual e afetiva por ocasião do início da Campanha da Fraternidade de 2006.

Este ano o tema proposto “Fraternidade e pessoas com deficiência”, com o lema: “levanta-te, vem para o meio” (Mc 3,3), assume um caráter de reflexão e de estímulo para renovar, com mais força, o mandamento da caridade, especialmente por aqueles que sofrem algum tipo de deficiência. Nas Audiências gerais das quartas-feiras, o Santo Padre louva a Deus pela presença daqueles peregrinos que padecem com fé e santa resignação estas provações permitidas por Deus, e assegura levar sempre no coração aqueles que carecem, muitas vezes, de afeto e de acompanhamento por parte da sociedade.

Trata-se de proporcionar não só uma atitude de carinho e de consolo, mas de realizar, com efetiva dedicação, uma obra de plena inserção no seu próprio meio desses nossos irmãos e irmãs em Cristo. O saudoso Papa João Paulo II, de venerável memória, houve por bem manifestar-se de modo clarividente ao assegurar que “a pessoa deficiente, também quando está ferida na mente ou nas suas capacidades sensitivas e intelectivas, é um sujeito plenamente humano, com os direitos sagrados e inalienáveis próprios de cada criatura humana. Com efeito, o ser humano (...) possui uma dignidade única e um valor singular desde o princípio da sua existência até o momento da morte natural” (*Mensagem*, 5/1/2004, n. 2). Tal é certeza desta verdade cristã, que se destina a enriquecer a nossa consciência e a valorizar a cultura da solidariedade.

Defender a vida, em todos os seus estágios, do início ao fim, é um direito e um dever de todos, que a Igreja jamais cessará de proclamar. Por sua vez, assumir a dignidade querida por Deus, que esta mesma vida comporta, exige atitudes de compromisso, por vezes heróicas, e dignas do prêmio

eterno, não só por parte dos que padecem tais sofrimentos, mas também dos que atendem aos mais necessitados.

Por isso, o Sumo Pontífice exprime o Seu sincero louvor e agradecimento a todos os que se dedicam de corpo e alma a essa nobre causa, recordando, de modo especial, os pais e parentes dos que sofrem tais deficiências, bem como os organismos e as associações de voluntariado, que não se poupam em acolher tais pessoas com uma dedicação especializada.

A Quaresma, como época privilegiada de conversão e penitência, convida a considerar com renovada perspectiva o encontro purificador com Cristo a caminho da sua Paixão, Morte e gloriosa Ressurreição. Possa este tempo forte da liturgia eclesial servir de estímulo para incentivar a muitos a participarem do Banquete do Senhor em espírito de fraternidade e de paz.

Com estes votos, o Santo Padre, ao renovar os Seus sentimentos de viva cordialidade por toda querida Nação brasileira, concede, em sinal de sua benevolência, uma propiciadora Bênção Apostólica, extensiva às pessoas com deficiência e todas as entidades e pessoas individuais que as atendem”.

Sem mais, aproveito para reiterar-lhe os protestos da minha maior estima e consideração.



O objetivo geral:

Conhecer os valores e a criatividade dos povos da Amazônia e as agressões que sofrem por causa do atual modelo econômico e cultural, a fim de chamar à conversão, à solidariedade, a um novo estilo de vida e a um projeto de desenvolvimento humano baseados nos valores humanos e evangélicos, seguindo a prática de Jesus no cuidado com a vida humana, especialmente dos mais pobres, e de toda a natureza.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao Venerável Irmão no Episcopado

Cardeal Geraldo Majella Agnelo

Presidente da CNBB

Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil

Ao iniciar o itinerário espiritual da Quaresma, a caminho da Páscoa da ressurreição do Senhor, desejo uma vez mais aderir à Campanha da Fraternidade que, neste ano de 2007, está subordinada ao tema “*Fraternidade e Amazônia*” e ao lema “*Vida e Missão neste chão*”. É um tempo em que cada cristão é convidado a refletir de modo particular sobre as várias situações sociais do povo brasileiro que requerem maior fraternidade.

A proposta para este ano destina-se a promover a fraternidade efetiva com as populações amazônicas, defendendo e promovendo a vida que se manifesta com tanta exuberância na Amazônia. Por sua vez, esta mesma preocupação se insere no amplo tema da defesa do ambiente, para o qual este vasto território constitui um patrimônio comum que, por sua realidade humana, sociopolítica, econômica e ambiental, requer especial atenção da Igreja e da sociedade brasileira.

Neste contexto, insere-se, porém, de maneira determinante a ação eclesial dirigida a fomentar um processo de ampla evangelização que estimule a missionariedade e crie condições favoráveis para a descoberta e o crescimento da fé de toda a população amazônica. Em continuidade com os meus Veneráveis predecessores, desejo fazer um preito de gratidão a todos aqueles corajosos missionários, que se consagraram e se consagram, à custa inclusive da própria vida, em levar a fé católica nas cidades e aldeias da região; homens e mulheres que, por amor a Deus, entregaram-se de corpo e alma para extensão do Reino de Deus nesta Terra da Santa Cruz.

Ao dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, renovo a esperança de que as diversas instâncias da sociedade civil queiram solidarizar-se sempre mais sobre a questão da Amazônia no respeito pelas exigências éticas de justiça e de respeito pela vida.

Com estes auspícios, invoco a proteção do Senhor, para que sua mão benfazeja se estenda por todo o Brasil e, de modo especial, sobre a Amazônia e sua população espalhada pelas cidades, aldeias e florestas, derramando seus dons de paz e de prosperidade e que, com a sua graça, desperte em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação.

Com uma especial Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

Levar a Igreja e a sociedade a defender e a promover a vida humana, desde a sua concepção até a sua morte natural, compreendida como dom de Deus e coresponsabilidade de todos, na busca de sua plenificação, a partir da beleza e do sentido da vida em todas as circunstâncias, e do compromisso ético do amor fraterno.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao venerável irmão no episcopado,

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Presidente da CNBB

Arcebispo de Mariana (MG)

Ao iniciar o itinerário espiritual da Quaresma, a caminho da Páscoa da ressurreição do Senhor, desejo uma vez mais aderir à Campanha da Fraternidade que, neste ano de 2008, está subordinada ao tema “Fraternidade e defesa da vida” e ao lema “Escolhe, pois, a vida”. É um tempo de

conversão de todos os cristãos, no sentido de buscar uma fidelidade ainda maior ao Deus criador e doador da vida.

Meu venerável predecessor, o Papa João Paulo II, na Encíclica *Evangelium Vitae*, pôs em evidência a mentalidade individualista e hedonista que, com uma concepção distorcida da ciência, foi causa de novas violações da vida, em particular do aborto e da eutanásia. Certamente, todas as ameaças à vida devem ser combatidas; o Concílio Vaticano II, ao condenar tudo quanto se opõe à vida ou viola a integridade da pessoa humana e a sua dignidade, recordava que tudo isso “desonra mais aqueles que assim procedem do que os que padecem injustamente” tais atitudes, pois ofendem gravemente a honra devida ao Criador (cf. *GS*, 27).

Por isso, no Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, quis recordar que os caminhos que traçam uma cultura sem Deus e sem os seus mandamentos, ou inclusive contra Deus, terminam sendo “uma cultura contra o ser humano e contra o bem dos povos latino-americanos” (n. 4).

O Documento final de Aparecida nos mostra que o encontro com Cristo é o ponto de partida para a negação desses caminhos de morte e a escolha da vida; mas é também o ponto de onde partimos para reconhecer plenamente a sacralidade da vida e a dignidade da pessoa humana (n. 356). Ao dar início à Campanha da Fraternidade deste ano, renovo a esperança de que as diversas instâncias da sociedade civil queiram solidarizar-se com a vontade popular que, na sua maioria, rejeita todas as formas contrárias às exigências éticas de justiça e de respeito pela vida humana desde seu início até o seu fim natural.

Com estes auspícios, invoco a proteção do Senhor, para que sua mão benfazeja se estenda por todo o Brasil, e que a vida nova em Cristo atinja o ser humano por inteiro em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural, derramando seus dons de paz e prosperidade e desperte em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação.

Com uma especial Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

O objetivo geral desta campanha foi promover o debate sobre a segurança pública e difundir a cultura da paz a partir da busca da justiça social. Mostrar que a paz é fruto da justiça, como o próprio lema diz.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

“Ao Venerável Irmão no Episcopado

1. *Geraldo Lyrio Rocha*

Presidente da CNBB

Arcebispo de Mariana (MG)

Ao iniciar o itinerário espiritual da Quaresma, a caminho da Páscoa da ressurreição do Senhor, desejo uma vez mais aderir à Campanha da Fraternidade que, neste ano de 2009, está destinada a considerar o lema “A paz é fruto da justiça”. É um tempo de conversão e de reconciliação de todos os cristãos, para que as mais nobres aspirações do coração humano possam ser satisfeitas, e prevaleça a verdadeira paz entre os povos e as comunidades.

Meu Venerável predecessor, o Papa João Paulo II, no Dia Mundial da Paz de 2002, ao ressaltar precisamente que a verdadeira paz é fruto da justiça, fazia notar que “a justiça humana é sempre frágil e imperfeita” devendo ser “exercida e de certa maneira completada com o perdão que cura as feridas e restabelece em profundidade as relações humanas transtornadas” (n. 3).

O Documento final de Aparecida, ao tratar do Reino de Deus e a promoção da dignidade humana, recordava os sinais evidentes da presença do Reino na vivência pessoal e comunitária das Bem-aventuranças, na evangelização dos pobres, no conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, no martírio por causa da fé, no acesso de todos os bens da criação, e no perdão mútuo, sincero e fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade, e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal (n. 8.1).

A Quaresma nos convida a lutar sem esmorecimento para fazer o bem, precisamente por sabermos como é difícil que nós, os homens, nos decidamos seriamente a praticar a justiça – e ainda falta muito para que a convivência se inspire na paz e no amor, e não no ódio ou na indiferença. Não ignoramos também que, embora se consiga atingir uma razoável distribuição dos bens e uma harmoniosa organização da sociedade, jamais desaparecerá a dor da doença, da incompreensão ou da solidão, da morte das pessoas que amamos, da experiência das nossas limitações.

Nosso Senhor abomina as injustiças e condena quem as comete. Mas respeita a liberdade de cada indivíduo e por isso permite que elas existam, pois fazem parte da condição humana, após o pecado original. Contudo, seu coração cheio de amor pelos homens levou-o a carregar, juntamente com a cruz, todos esses tormentos: o nosso sofrimento, a nossa tristeza, a nossa fome e sede de justiça. Vamos pedir-lhe que saibamos testemunhar os sentimentos de paz e de reconciliação que O inspiraram no Sermão da Montanha, para alcançar a eterna Bem-aventurança.

Com estes auspícios, invoco a proteção do Altíssimo, para que sua mão benfazeja se estenda por todo o Brasil, e que a vida nova em Cristo alcance a todos em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural, derramando os dons da paz e da prosperidade, despertando em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação.



O objetivo geral:

Colaborar na promoção de uma economia a serviço da vida, fundamentada no ideal da cultura da paz, a partir do esforço conjunto das Igrejas Cristãs e de pessoas de boa vontade, para que todos contribuam na construção do bem comum em vista de uma sociedade sem exclusão.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao Venerado Irmão Dom Geraldo Lyrio Rocha

Presidente da CNBB e Arcebispo de Mariana (MG)

Com a quarta-feira de cinzas, volta aquele tempo favorável de salvação, que é a Quaresma, com seu apelo insistente: “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 6,2); brado este, que deve ressoar nos lábios daqueles que anunciam a Palavra de Deus: “Encarregarei os meus ministros de anunciar aos pecadores que estou sempre pronto a recebê-los, que a minha misericórdia é infinita” (Carta para a proclamação de um Ano Sacerdotal, 16/VI/2009). Estes sentimentos divinos foram confiados ao Santo Cura d’Ars, que, no seu tempo, soube transformar o coração e a vida de muitas pessoas, porque conseguiu fazer-lhes sentir o amor misericordioso do Senhor.

Eu desejo o mesmo sucesso às Igrejas e Comunidades Eclesiais no Brasil que, este ano, decidiram unir seus esforços para reconciliar as pessoas com Deus, ajudando-lhes a libertarem-se da escravidão do dinheiro. É que, como lembra a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010 – citando palavras de Jesus –, “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”. Alegrando-me com tal propósito de conversão, recordo que a escravidão ao dinheiro e a injustiça “tem origem no coração do homem, onde se encontram os germes de uma misteriosa convivência com o mal” (Mensagem para a Quaresma 2010, 30/10/2009). Por isso, encorajo-vos a perseverar no testemunho do amor de Deus, do Filho de Deus que se fez homem, do amor agraciado com a vida de Deus, do único bem que pode saciar o coração da gente, pois, “mais do que de pão, [o homem] de fato precisa de Deus” (Ibid). Conseguireis assim, fazer frente ao “deserto interior” de que falei no início do meu ministério petrino, convidando a Igreja, no seu conjunto, a “pôr-se a caminho, para conduzir as pessoas fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida, a vida em plenitude. (...) Nós existimos para mostrar Deus aos homens. E só onde se vê Deus, começa verdadeiramente a vida” (Homilia, 24/IV/2005). Se “a boca fala daquilo que o coração está cheio” (Mt 12, 34), podeis conhecer vosso coração a partir das vossas palavras. “Reconciliai-vos com Deus”, de modo que as vossas palavras sirvam sobretudo para falar de Deus e a Deus.

Implorando as maiores bênçãos de Deus sobre a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010, aproveito a ocasião para enviar aos meus irmãos e amigos do Brasil cordiais saudações, com votos de todo bem em Jesus Cristo, único Salvador de todos!



O objetivo geral:

Contribuir para o aprofundamento do debate e busca de caminhos de superação dos problemas ambientais provocados pelo aquecimento global e seus impactos sobre as condições da vida no planeta.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao Venerado Irmão

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana (MG) e Presidente da CNBB

É com viva satisfação que venho unir-me, uma vez mais, a toda Igreja no Brasil que se propõe percorrer o itinerário penitencial da quaresma, em preparação para a Páscoa do Senhor Jesus, no qual se insere a Campanha da Fraternidade cujo tema neste ano é: “Fraternidade e vida no Planeta”, pedindo a mudança de mentalidade e atitudes para a salvaguarda da criação.

Pensando no lema da referida Campanha, “a criação geme em dores de parto”, que faz eco às palavras de São Paulo na sua Carta aos Romanos (8,22), podemos incluir entre os motivos de tais gemidos o dano provocado na criação pelo egoísmo humano. Contudo, é igualmente verdadeiro que a “criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19). Assim como o pecado destrói a criação, esta é também restaurada quando se fazem presentes “os filhos de Deus”, cuidando do mundo para que Deus seja tudo em todos (cf. 1 Co 15, 28).

O primeiro passo para uma reta relação com o mundo que nos circunda é justamente o reconhecimento, da parte do homem, da sua condição de criatura: o homem não é Deus, mas a Sua imagem; por isso, ele deve procurar tornar-se mais sensível à presença de Deus naquilo que está ao seu redor: em todas as criaturas e, especialmente, na pessoa humana há uma certa epifania de Deus. “Quem sabe reconhecer no cosmos os reflexos do rosto invisível do Criador, é levado a ter maior amor pelas criaturas” (Bento XVI, Homilia na Solenidade da Santíssima Mãe de Deus, 1º-01-2010). O homem só será capaz de respeitar as criaturas na medida em que tiver no seu espírito um sentido pleno da vida; caso contrário, será levado a desprezar-se a si mesmo e àquilo que o circunda, a não ter respeito pelo ambiente em que vive, pela criação. Por isso, a primeira ecologia a ser defendida é a “ecologia humana” (cf. Bento XVI, Encíclica Caritas in veritate, 51). Ou seja, sem uma clara defesa da vida humana, desde sua concepção até a morte natural; sem uma defesa da família baseada no matrimônio entre um homem e uma mulher; sem uma verdadeira defesa daqueles que são excluídos e marginalizados pela sociedade, sem esquecer, neste contexto, daqueles que perderam tudo, vítimas de desastres naturais, nunca se poderá falar de uma autêntica defesa do meio-ambiente.

Recordando que o dever de cuidar do meio-ambiente é um imperativo que nasce da consciência de que Deus confia a Sua criação ao homem não para que este exerça sobre ela um domínio arbitrário, mas que a conserve e cuide como um filho cuida da herança de seu pai, e uma grande herança Deus confiou aos brasileiros,

de bom grado envio-lhes uma propiciadora Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

“Refletir sobre a realidade da saúde no Brasil em vista de uma vida saudável, suscitando o espírito fraterno e comunitário das pessoas na atenção dos enfermos e mobilizar por melhoria no sistema público de saúde”.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao Venerado Irmão

CARDEAL RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS

Arcebispo de Aparecida (SP) e Presidente da CNBB

Fraternas saudações em Cristo Senhor!

De bom grado me associo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que lança uma nova Campanha da Fraternidade, sob o lema “que a saúde se difunda sobre a terra” (cf. Eclo 38,8), com o objetivo de suscitar, a partir de uma reflexão sobre a realidade da saúde no Brasil, um maior espírito fraterno e comunitário na atenção dos enfermos e levar a sociedade a garantir a mais pessoas o direito de ter acesso aos meios necessários para uma vida saudável.

Para os cristãos, de modo particular, o lema bíblico é uma lembrança de que a saúde vai muito além de um simples bem-estar corporal. No episódio da cura de um paralítico (cf. Mt 9, 2-8), Jesus, antes de fazer com que esse voltasse a andar, perdoa-lhe os pecados, ensinando que a cura perfeita é o perdão dos pecados, e a saúde por excelência é a da alma, pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua alma?» (Mt 16,26). Com efeito, as palavras saúde e salvação têm origem no mesmo termo latino ‘salus’ e não por outra razão, nos Evangelhos, vemos a ação do Salvador da humanidade associada a diversas curas: “Jesus andava por toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todo o tipo de doença e enfermidades do povo” (Mt 4,23).

Com o seu exemplo diante dos olhos, segundo o verdadeiro espírito quaresmal, possa esta Campanha inspirar no coração dos fiéis e das pessoas de boa vontade uma solidariedade cada vez mais profunda para com os enfermos, tantas vezes sofrendo mais pela solidão e abandono do que pela doença, lembrando que o próprio Jesus quis Se identificar com eles: (pois Eu estava doente e cuidastes de Mim» (Mt 25,36). Ajudando-lhes ao mesmo tempo a descobrir que se, por um lado, a doença é prova dolorosa, por outro, pode ser, na união com Cristo crucificado e ressuscitado, uma participação no mistério do sofrimento d’Ele para a salvação do mundo. Pois, «oferecendo o nosso sofrimento a Deus por meio de Cristo, nós podemos colaborar na vitória do bem sobre o mal, porque Deus toma fecunda a nossa oferta, o nosso ato de amor» (Bento XVI, Discurso aos enfermos de Turim, 2/V/2010).

Associando-me, pois, a esta iniciativa da CNBB e fazendo minhas as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de cada um, saúdo fraternalmente quantos tomam parte, física ou espiritualmente, na Campanha «Fraternidade e Saúde Pública», invocando – pela intercessão de Nossa Senhora Aparecida – para todos, mas de modo especial para os doentes, o conforto e a fortaleza de Deus no cumprimento do dever de estado, individual, familiar e social, fonte de saúde e progresso do Brasil, tornando-se fértil na santidade, próspero na economia, justo na participação das riquezas, alegre no serviço público, equânime no poder e fraterno no desenvolvimento. E, para confirmar-lhes nestes bons propósitos,

envio uma propiciadora Bênção Apostólica.



O objetivo geral:

Acolher os jovens no contexto de mudança de época, propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna, fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz.

Carta de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Ao Venerado Irmão

CARDEAL RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS

Arcebispo de Aparecida (SP) e Presidente da CNBB

Queridos irmãos e irmãs:

Diante de nós se abre o caminho da Quaresma, permeado de oração, penitência e caridade, que nos prepara para vivenciar e participar mais profundamente na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. No Brasil, esta preparação tem encontrado um válido apoio e estímulo na Campanha da Fraternidade, que este ano chega à sua quinquagésima realização e se reveste já das tonalidades espirituais da XXVIII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em julho próximo: daí o seu tema “Fraternidade e Juventude”, proposto pela Conferência Episcopal Nacional com a esperança de ver multiplicada nos jovens de hoje a mesma resposta que dera a Deus o profeta Isaías. *“Eis-me aqui, envia-me”* (Is 6,8).

De bom grado associo-me a esta iniciativa quaresmal da Igreja no Brasil, enviando a todos e cada um a minha cordial saudação no Senhor, a quem confio os esforços de quantos se empenham por ajudar os jovens a tornar-se — como lhes pedi em São Paulo — “protagonistas de uma sociedade mais justa e mais fraterna inspirada no Evangelho” (*Discurso aos jovens brasileiros, 10/05/2007*), *É que os* “sinais dos tempos”, na sociedade e na Igreja, surgem também através dos jovens; menosprezar estes sinais ou não as saber discernir é perder ocasiões de renovação. Se eles forem o presente, serão também o futuro. Queremos as jovens protagonistas integrados na comunidade que os acolhe, demonstrando a confiança que a Igreja, deposita em cada um deles. Isto requer guias — padres, consagrados ou leigos que permanecem novas por dentro, mesmo que o não sejam de idade, mas capazes de fazer caminho sem impor rumos, de empatia solidária, de dar testemunho de salvação, que a fé e o seguimento de Jesus Cristo cada dia alimentam.

Por isso, convido os jovens brasileiros a buscarem sempre mais no Evangelho de Jesus o sentido da vida, a certeza do que é através da amizade com Cristo que experimentamos o que é belo e nos redime: *“Agora que isto tocou os teus lábios, tua culpa está sendo tirada, teu pecado, perdoado”* (Is 6,7). Desse encontro transformador, que desejo a cada jovem brasileiro, surge a plena disponibilidade de quem se deixa invadir por um Deus que salva: *“Eis-me aqui, envia-me!”* aos meus coetâneos ajudando-lhes a descobrir a força e a beleza da fé no meio dos “desertos (espirituais) do mundo contemporâneo, em que se deve levar apenas o que é essencial: (...) o Evangelho e a fé da Igreja, dos quais as documentos do Concílio Vaticano são uma expressão luminosa, assim como o é o Catecismo da Igreja Católica” (*Homilia na abertura do Ano da Fé, 11/10/2012*).

Que o Senhor conceda a todos a alegria de crer n’Ele, de crescer na sua amizade, de segui-Lo no caminho da vida e testemunhá-Lo em todas situações, para transmitir à geração seguinte a imensa riqueza e beleza da fé em Jesus Cristo, Com votos de uma Quaresma frutuosa na vida de cada brasileiro, especialmente das novas gerações, sob a proteção maternal de Nossa Senhora Aparecia, *a todos concedo uma especial Bênção Apostólica.*



O objetivo geral:

Identificar as práticas de tráfico humano em suas várias formas e denunciá-lo como violação da dignidade e da liberdade humana, mobilizando cristãos e a sociedade brasileira para erradicar esse mal, com vista ao resgate da vida dos filhos e filhas de Deus.

Carta de Sua Santidade o Papa Francisco

Queridos brasileiros,

Sempre lembrado do coração grande e da acolhida calorosa com que me estenderam os braços na visita de fins de julho passado, peço agora licença para ser companheiro em seu caminho quaresmal, que se inicia no dia 5 de março, falando-lhes da Campanha da Fraternidade que lhes recordo a vitória da Páscoa: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gal 5,1). Com a sua Paixão, Morte e Ressurreição, Jesus Cristo libertou a humanidade das amarras da morte e do pecado. Durante os próximos quarenta dias, procuraremos conscientizar-nos mais e mais da misericórdia infinita que Deus usou para conosco e logo nos pediu para fazê-la transbordar para os outros, sobretudo aqueles que mais sofrem: “Estás livre! Vai e ajuda os teus irmãos a serem livres!”. Neste sentido, visando mobilizar os cristãos e pessoas de boa vontade da sociedade brasileira para uma chaga social qual é o tráfico de seres humanos, os nossos irmãos bispos do Brasil lhes propõem este ano o tema “Fraternidade e Tráfico Humano”.

Não é possível ficar impassível, sabendo que existem seres humanos tratados como mercadoria! Pense-se em adoções de criança para remoção de órgãos, em mulheres enganadas e obrigadas a prostituir-se, em trabalhadores explorados, sem direitos nem voz, etc. Isso é tráfico humano! “A este nível, há necessidade de um profundo exame de consciência: de fato, quantas vezes toleramos que um ser humano seja considerado como um objeto, exposto para vender um produto ou para satisfazer desejos imorais? A pessoa humana não se deveria vender e comprar como uma mercadoria. Quem a usa e explora, mesmo indiretamente, torna-se cúmplice desta prepotência” (Discurso aos novos Embaixadores, 12/XII/2013). Se, depois, descemos ao nível familiar e entramos em casa, quantas vezes aí reina a prepotência! Pais que escravizam os filhos, filhos que escravizam os pais; esposos que, esquecidos de seu chamado para o dom, se exploram como se fossem um produto descartável, que se usa e se joga fora; idosos sem lugar, crianças e adolescentes sem voz. Quantos ataques aos valores basilares do tecido familiar e da própria convivência social! Sim, há necessidade de um profundo exame de consciência. Como se pode anunciar a alegria da Páscoa, sem se solidarizar com aqueles cuja liberdade aqui na terra é negada? Queridos brasileiros, tenhamos a certeza: Eu só ofendo a dignidade humana do outro, porque antes vendi a minha. A troco de quê? De poder, de fama, de bens materiais... E isso – pasmem! A troco da minha dignidade de filho e filha de Deus, resgatada a preço do sangue de Cristo na Cruz e garantida pelo Espírito Santo que clama dentro de nós: “Abbá, Pai!” (cf. Gal 4,6). A dignidade humana é igual em todo o ser humano: quando piso-a no outro, estou pisando a minha. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou! No ano passado, quando estive junto de vocês afirmei

que o povo brasileiro dava uma grande lição de solidariedade; certo disso, faço votos de que os cristãos e as pessoas de boa vontade possam comprometer-se para que mais nenhum homem ou mulher, jovem ou criança, seja vítima do tráfico humano! E a base mais eficaz para restabelecer a dignidade humana é anunciar o Evangelho de Cristo nos campos e nas cidades, pois Jesus quer derramar por todo o lado vida em abundância (cf. *Evangelii gaudium*, 75).

Com estes auspícios, invoco a proteção do Altíssimo sobre todos os brasileiros, para que a vida nova em Cristo lhes alcance, na mais perfeita liberdade dos filhos de Deus (cf. *Rm* 8, 21), despertando em cada coração sentimentos de ternura e compaixão por seu irmão e irmã necessitados de liberdade, enquanto de bom grado lhes envio uma propiciadora Bênção Apostólica.

Vaticano, 25 de fevereiro de 2014.

Francisco



Objetivo: aprofundar, à luz do Evangelho, o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a sociedade, propostos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, como serviço ao povo brasileiro, para a edificação do Reino de Deus.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO

AOS FIÉIS BRASILEIROS

POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2015

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Aproxima-se a Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa: tempo de penitência, oração e caridade, tempo de renovar nossas vidas, identificando-nos com Jesus através da sua entrega generosa aos irmãos, sobretudo aos mais necessitados. Neste ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, inspirando-se nas palavras d'Ele «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos» (*Mc* 10,45), propõe como tema de sua habitual Campanha «Fraternidade: Igreja e Sociedade».

De fato a Igreja, enquanto «comunidade congregada por aqueles que, crendo, voltam o seu olhar a Jesus, autor da salvação e princípio da unidade» (*Const. Dogmática Lumen gentium*, 3), não pode ser indiferente às necessidades daqueles que estão ao seu redor, pois, «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo» (*Const. Pastoral Gaudium et spes*, 1). Mas, o que fazer? Durante os quarenta dias em que Deus chama o seu povo à conversão, a Campanha da Fraternidade quer ajudar a aprofundar, à luz do Evangelho, o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a Sociedade - propostos pelo Concílio

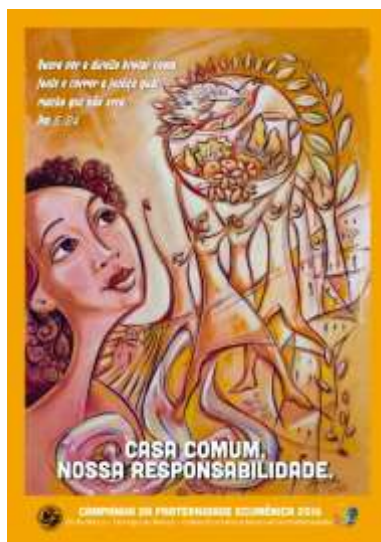
Ecumênico Vaticano II - como serviço de edificação do Reino de Deus, no coração e na vida do povo brasileiro.

A contribuição da Igreja, no respeito pela laicidade do Estado (cfr. Idem, 76) e sem esquecer a autonomia das realidades terrenas (cfr. Idem, 36), encontra forma concreta na sua Doutrina Social, com a qual quer «assumir evangelicamente e a partir da perspectiva do Reino as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano» (Documento de Aparecida, 384). Isso não é uma tarefa exclusiva das instituições: cada um deve fazer a sua parte, começando pela minha casa, no meu trabalho, junto das pessoas com quem me relaciono. E de modo concreto, é preciso ajudar aqueles que são mais pobres e necessitados. Lembremo-nos que «cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 187), sobretudo sabendo acolher, «porque quando somos generosos acolhendo uma pessoa e partilhamos algo com ela – um pouco de comida, um lugar na nossa casa, o nosso tempo - não ficamos mais pobres, mas enriquecemos» (Discurso na Comunidade de Varginha, 25/7/2013). Assim, examinemos a consciência sobre o compromisso concreto e efetivo de cada um na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica.

Queridos irmãos e irmãs, quando Jesus nos diz «Eu vim para servir» (cf. Mc 10, 45), nos ensina aquilo que resume a identidade do cristão: amar servindo. Por isso, faço votos que o caminho quaresmal deste ano, à luz das propostas da Campanha da Fraternidade, predisponha os corações para a vida nova que Cristo nos oferece, e que a força transformadora que brota da sua Ressurreição alcance a todos em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural e fortaleça em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação. A todos e a cada um, pela intercessão de Nossa Senhora Aparecida, envio de todo coração a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Vaticano, 2 de fevereiro de 2015.

Franciscus PP.



Objetivo: chamar atenção para a questão do saneamento básico no Brasil e sua importância para garantir desenvolvimento, saúde integral e qualidade de vida para todos.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
AOS FIEIS BRASILEIROS
POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2016

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Em sua grande misericórdia, Deus não se cansa de nos oferecer sua bênção e sua graça e de nos chamar à conversão e ao crescimento na fé. No Brasil, desde 1963, se realiza durante a Quaresma a Campanha da Fraternidade. Ela propõe cada ano uma motivação comunitária para a conversão e a mudança de vida. Em 2016, a Campanha da Fraternidade trata do saneamento básico. Ela tem como tema: «Casa comum, nossa responsabilidade». Seu lema bíblico é tomado do Profeta Amós: «Quero ver o direito brotar como fonte e a justiça qual riacho que não seca» (Am 5,24).

É a quarta vez que a Campanha da Fraternidade se realiza com as Igrejas que fazem parte do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Mas, desta vez, ela cruza fronteiras: é feita em conjunto com a Misereor, iniciativa dos católicos alemães que realiza a Campanha da Quaresma desde 1958. O objetivo principal deste ano é o de contribuir para que seja assegurado o direito essencial de todos ao saneamento básico. Para tanto, apela a todas as pessoas convidando-as a se empenharem com políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum.

Todos nós temos responsabilidade por nossa Casa Comum, ela envolve os governantes e toda a sociedade. Por meio desta Campanha da Fraternidade, as pessoas e comunidades são convidadas a se mobilizar, a partir dos locais em que vivem. São chamadas a tomar iniciativas em que se unam as Igrejas e as diversas expressões religiosas e todas as pessoas de boa vontade na promoção da justiça e do direito ao saneamento básico. O acesso à água potável e ao esgotamento sanitário é condição necessária para a superação da injustiça social e para a erradicação da pobreza e da fome, para a superação dos altos índices de mortalidade infantil e de doenças evitáveis, e para a sustentabilidade ambiental.

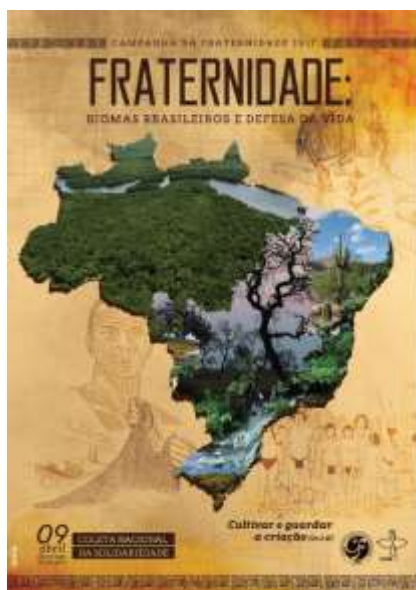
Na encíclica *Laudato si'*, recordei que «o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos» (n. 30) e que a grave dívida social para com os pobres é parcialmente saldada quando se desenvolvem programas para prover de água limpa e saneamento as populações mais pobres (cf. *ibid.*). E, numa perspectiva de ecologia integral, procurei evidenciar o nexo que há entre a degradação ambiental e a degradação humana e social, alertando que «a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta» (n. 48).

Aprofundemos a cultura ecológica. Ela não pode se limitar a respostas parciais, como se os problemas estivessem isolados. Ela «deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático» (*Laudato si'*, 111). Queridos irmãos e irmãs, insisto que o rico patrimônio da espiritualidade cristã pode dar uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade. Eu os convido, principalmente durante esta Quaresma, motivados pela Campanha da Fraternidade Ecumênica, a redescobrir como nossa espiritualidade se aprofunda quando superamos «a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor» e descobrimos que Jesus quer «que toquemos a carne sofredora dos outros» (*Evangelii gaudium*, 270), dedicando-nos ao «cuidado generoso e cheio de ternura» (*Laudato si'*, 220) de nossos irmãos e irmãs e de toda a criação.

Eu me uno a todos os cristãos do Brasil e aos que, na Alemanha, se envolvem nessa Campanha da Fraternidade Ecumênica, pedindo a Deus: «ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa, a contemplar com encanto, a reconhecer que estamos profundamente unidos com todas as criaturas no nosso caminho para a vossa luz infinita. Obrigado porque estais conosco todos os dias. Sustentai-nos, por favor, na nossa luta pela justiça, o amor e a paz» (*Laudato si'*, 246). Aproveito a ocasião para enviar a todos minhas cordiais saudações com votos de todo bem em Jesus Cristo, único Salvador da humanidade e pedindo que, por favor, não deixem de rezar por mim!

Vaticano, 22 de janeiro de 2016.

Franciscus PP.



O objetivo é alertar para o cuidado da criação, com ênfase para os biomas brasileiros, buscando uma reflexão sobre o meio ambiente e sugerindo uma visão global das expressões da vida e dos dons da criação

AOS FIÉIS BRASILEIROS

POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2017

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Desejo me unir a vocês na Campanha da Fraternidade que, neste ano de 2017, tem como tema “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”, lhes animando a ampliar a consciência de que o desafio global, pelo qual toda a humanidade passa, exige o envolvimento de cada pessoa juntamente com a atuação de cada comunidade local, como aliás enfatizei em diversos pontos na Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado de nossa casa comum.

O criador foi pródigo com o Brasil. Concedeu-lhe uma diversidade de biomas que lhe confere extraordinária beleza. Mas, infelizmente, os sinais da agressão à criação e da degradação da natureza também estão presentes. Entre vocês, a Igreja tem sido uma voz profética no respeito e no cuidado com o meio ambiente e com os pobres. Não apenas tem chamado a atenção para os desafios e problemas ecológicos, como tem apontado suas causas e, principalmente, tem apontado caminhos para a sua superação. Entre tantas iniciativas e ações, me apraz recordar que já em 1979, a Campanha da Fraternidade que teve por tema “Por um mundo mais humano” assumiu o lema: “Preserve o que é de todos”. Assim, já naquele ano a CNBB apresentava à sociedade brasileira sua preocupação com as questões ambientais e com o comportamento humano com relação aos dons da criação.

O objetivo da Campanha da Fraternidade deste ano, inspirado na passagem do Livro do Gênesis (cf. Gn 2,15), é cuidar da criação, de modo especial dos biomas brasileiros, dons de Deus, e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho. Como “não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas” (LS, 43), esta Campanha convida a contemplar, admirar, agradecer e respeitar a diversidade natural que se manifesta nos diversos biomas do Brasil – um verdadeiro dom de Deus - através da promoção de relações respeitadas com a vida e a cultura dos povos que neles vivem. Este é, precisamente, um dos maiores desafios em todas as partes da terra, até porque as degradações do ambiente são sempre acompanhadas pelas injustiças sociais.

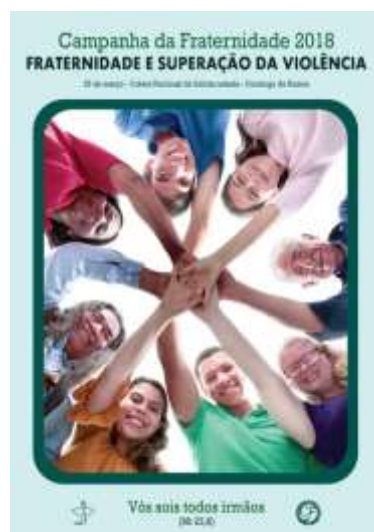
Os povos originários de cada bioma ou que tradicionalmente neles vivem nos oferecem um exemplo claro de como a convivência com a criação pode ser respeitosa, portadora de plenitude e misericordiosa. Por isso, é necessário conhecer e aprender com esses povos e suas relações com a natureza. Assim, será possível encontrar um modelo de sustentabilidade que possa ser uma alternativa ao afã desenfreado pelo lucro que exaure os recursos naturais e agride a dignidade dos pobres.

Todos os anos, a Campanha da Fraternidade acontece no tempo forte da Quaresma. Trata-se de um convite a viver com mais consciência e determinação a espiritualidade pascal. A comunhão na Páscoa de Jesus Cristo é capaz de suscitar a conversão permanente e integral, que é, ao mesmo tempo, pessoal, comunitária, social e ecológica. Reafirmo, assim, o que recordei por ocasião do Ano santo Extraordinário: a misericórdia exige “restituir dignidade àqueles que dela se viram privados” (Misericordiae vultus, 16). Uma pessoa de fé que celebra na Páscoa a vitória da vida sobre a morte, ao tomar consciência da situação de agressão à criação de Deus em cada um dos biomas brasileiros, não poderá ficar indiferente.

Desejo a todos uma fecunda caminhada quaresmal e peço a Deus que a Campanha da Fraternidade 2017 atinja seus objetivos. Invocando a companhia e a proteção de Nossa Senhora Aparecida sobre todo o povo brasileiro, particularmente neste Ano mariano, concedo uma especial bênção e peço que não deixem de rezar por mim.

Vaticano, 15 de fevereiro de 2017.

Franciscus PP.



Objetivo: anunciar a paz e a boa nova da fraternidade e analisar as múltiplas práticas de violência

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS FIÉIS BRASILEIROS POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2018

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Neste tempo quaresmal, de bom grado me uno à Igreja no Brasil para celebrar a Campanha “Fraternidade e a superação da violência”, cujo objetivo é construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência. Desse modo, a Campanha da Fraternidade de 2018 nos convida a reconhecer a violência em tantos âmbitos e manifestações e, com confiança, fé e esperança, superá-la pelo caminho do amor visibilizado em Jesus Crucificado.

Jesus veio para nos dar a vida plena (cf. Jo 10, 10). Na medida em que Ele está no meio de nós, a vida se converte num espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos (cf. Exort. Apost. Evangelii gaudium, 180). Este tempo penitencial, onde somos chamados a viver a prática do jejum, da oração e da esmola nos faz perceber que somos irmãos. Deixemos que o amor de Deus se torne visível entre nós, nas nossas famílias, nas comunidades, na sociedade.

“É agora o momento favorável, é agora o dia da salvação” (1 Co 6,2; cf. Is 49,8), que nos traz a graça do perdão recebido e oferecido. O perdão das ofensas é a expressão mais eloquente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Às vezes, como é difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração, a paz. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver como irmãos e irmãs e superar a violência. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: “Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento” (Ef 4, 26).

Sejamos protagonistas da superação da violência fazendo-nos arautos e construtores da paz. Uma paz que é fruto do desenvolvimento integral de todos, uma paz que nasce de uma nova relação também com todas as criaturas. A paz é tecida no dia-a-dia com paciência e misericórdia, no seio da família, na dinâmica da comunidade, nas relações de trabalho, na relação com a natureza. São pequenos gestos de respeito, de escuta, de diálogo, de silêncio, de afeto, de acolhida, de integração, que criam espaços onde se respira a fraternidade: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23,8), como destaca o lema da Campanha da Fraternidade deste ano. Em Cristo somos da mesma família, nascidos do sangue da cruz, nossa salvação. As comunidades da Igreja no Brasil anunciem a conversão, o dia da salvação para conviverem sem violência.

Peço a Deus que a Campanha da Fraternidade deste ano anime a todos para encontrar caminhos de superação da violência, convivendo mais como irmãos e irmãs em Cristo. Invoco a proteção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida sobre o povo brasileiro, concedendo a Bênção Apostólica. Peço que todos rezem por mim.

Vaticano, 27 de janeiro de 2018.

Franciscus PP.



OBJETIVO GERAL

Estimular a participação em Políticas Públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais de fraternidade.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS FIÉIS BRASILEIROS POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Com o início da Quaresma, somos convidados a preparar-nos, através das práticas penitenciais do jejum, da esmola e da oração, para a celebração da vitória do Senhor Jesus sobre o pecado e a morte. Para inspirar, iluminar e integrar tais práticas como componentes de um caminho pessoal e comunitário em direção à Páscoa de Cristo, a Campanha da Fraternidade propõe aos cristãos brasileiros o horizonte das “políticas públicas”.

Muito embora aquilo que se entende por política pública seja primordialmente uma responsabilidade do Estado cuja finalidade é garantir o bem comum dos cidadãos, todas as pessoas e instituições devem se sentir protagonistas das iniciativas e ações que promovam «o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (*Gaudium et spes*, 74).

Cientes disso, os cristãos - inspirados pelo lema desta Campanha da Fraternidade «Serás libertado pelo direito e pela justiça» (*Is* 1,27) e seguindo o exemplo do divino Mestre que “não veio para ser servido, mas para servir” (*Mt* 20,28) - devem buscar uma participação mais ativa na sociedade como forma concreta de amor ao próximo, que permita a construção de uma cultura fraterna baseada no direito e na justiça. De fato, como lembra o Documento de Aparecida, «são os leigos de nosso continente, conscientes de sua chamada à santidade em virtude de sua vocação batismal, os que têm de atuar à maneira de um fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus» (n. 505).

De modo especial, àqueles que se dedicam formalmente à política - à que os Pontífices, a partir de Pio XII, se referiram como uma «nobre forma de caridade» (cf. Papa Francisco, *Mensagem ao Congresso organizado pela CAL-CELAM*, 1/XII/2017) – requer-se que vivam «com paixão o seu serviço aos povos, vibrando com as fibras íntimas do seu *etos* e da sua cultura, solidários com os seus sofrimentos e esperanças; políticos que anteponham o bem comum aos seus interesses privados, que não se deixando intimidar pelos grandes poderes financeiros e mediáticos, sendo competentes e pacientes face a problemas complexos, sendo abertos a ouvir e a aprender no diálogo democrático, conjugando a busca da justiça com a misericórdia e a reconciliação» (*ibid.*).

Refletindo e rezando as políticas públicas com a graça do Espírito Santo, faço votos, queridos irmãos e irmãs, que o caminho quaresmal deste ano, à luz das propostas da Campanha da Fraternidade, ajude todos os cristãos a terem os olhos e o coração abertos para que possam ver nos irmãos mais necessitados a “carne de Cristo” que espera «ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós» (Bula *Misericordiae vultus*, 15). Assim a força renovadora e transformadora da Ressurreição poderá alcançar a todos fazendo do Brasil uma nação mais fraterna e justa. E para lhes confirmar nesses propósitos, confiados na intercessão de Nossa

Senhora Aparecida, de coração envio a todos e cada um a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Vaticano, 11 de fevereiro de 2019.

Franciscus PP.



Objetivo geral

Conscientizar, à luz da Palavra de Deus, para o sentido da vida como Dom e Compromisso, que se traduz em relações de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, nossa Casa Comum.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS FIÉIS BRASILEIROS POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Iniciamos a Quaresma, tempo forte de oração e conversão em que nos preparamos para celebrar o grande mistério da Ressurreição do Senhor. Durante quarenta dias, somos convidados a refletir sobre o significado mais profundo da vida, certos de que somente em Cristo e com Cristo encontramos resposta para o mistério do sofrimento e da morte. Não fomos criados para a morte, mas para a vida e a vida em plenitude, a vida eterna (cf. Jo 10,10).

Alegro-me que, há mais de cinco décadas, a Igreja no Brasil realize, no período quaresmal, a Campanha da Fraternidade, anunciando a importância de não separar a conversão do serviço aos irmãos e irmãs, sobretudo os mais necessitados. Neste ano, o tema da Campanha trata justamente do valor da vida e da nossa responsabilidade de cuidá-la em todas as suas instâncias, pois a vida é dom e compromisso; é presente amoroso de Deus, que devemos continuamente cuidar. De modo particular, diante de tantos sofrimentos que vemos crescer em toda parte, que “provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento

que reclama de nós outro rumo” (Carta Enc. Laudato Si’, 53), somos chamados a ser uma Igreja samaritana (cf. Documento de Aparecida, 26).

Por isso, estejamos certos de que a superação da globalização da indiferença (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 54) só será possível se nos dispusermos a imitar o Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37). Esta Parábola, que tanto nos inspira a viver melhor o tempo quaresmal, nos indica três atitudes fundamentais: ver, sentir compaixão e cuidar. À semelhança de Deus, que ouve o pedido de socorro dos que sofrem (cf. Sl 34,7), devemos abrir nossos corações e nossas mentes para deixar ressoar em nós o clamor dos irmãos e irmãs necessitados de serem nutridos, vestidos, alojados, visitados (cf. Mt 25, 34-40).

Queridos amigos, a Quaresma é um tempo propício para que, atentos à Palavra de Deus que nos chama à conversão, fortaleçamos em nós a compaixão, nos deixemos interpelar pela dor de quem sofre e não encontra quem o ajude. É um tempo em que a compaixão se concretiza na solidariedade, no cuidado. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7)!

Por intercessão de Santa Dulce dos Pobres, que tive a alegria de canonizar no passado mês de outubro e que foi apresentada pelos Bispos do Brasil como modelo para todos os que veem a dor do próximo, sentem compaixão e cuidam, rogo ao Deus de Misericórdia que a Quaresma e a Campanha da Fraternidade, inseparavelmente vividas, sejam para todo o Brasil um tempo em que se fortaleça o valor da vida, como dom e compromisso.

Envio a todos e cada um a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Vaticano, 26 de fevereiro de 2020.

Francisco



Objetivo geral da CFE 2021

Através do diálogo amoroso e do testemunho da unidade na diversidade, inspirados e inspiradas no amor de Cristo, convidar comunidades de fé e pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2021

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Com o início da Quaresma, somos convidados a um tempo de intensa reflexão e revisão de nossas vidas. O Senhor Jesus, que nos convida a caminhar com Ele pelo deserto rumo à vitória pascal sobre o pecado e a morte, faz-se peregrino conosco também nestes tempos de pandemia. Ele nos convoca e convida a orar pelos que morreram, a bendizer pelo serviço abnegado de tantos profissionais da saúde e a estimular a solidariedade entre as pessoas de boa vontade.

Convoca-nos a cuidarmos de nós mesmos, de nossa saúde, e a nos preocuparmos uns pelos outros, como nos ensina na parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37). Precisamos vencer a pandemia e nós o faremos à medida em que formos capazes de superar as divisões e nos unirmos em torno da vida. Como indiquei na recente Encíclica *Fratelli tutti*, «passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta» (n. 35). Para que isso não ocorra, a Quaresma nos é de grande auxílio, pois nos chama à conversão através da oração, do jejum e da esmola.

Como é tradição há várias décadas, a Igreja no Brasil promove a Campanha da Fraternidade, como um auxílio concreto para a vivência deste tempo de preparação para a Páscoa. Neste ano de 2021, com o tema “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor”, os fiéis são convidados a «sentar-se a escutar o outro» e, assim, superar os obstáculos de um mundo que é muitas vezes «um mundo surdo». De fato, quando nos dispomos ao diálogo, estabelecemos «um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro» (Ibidem, n. 48). E, na base desta renovada cultura do diálogo está Jesus que, como ensina o lema da Campanha deste ano, «é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade» (Ef 2,14).

Por outro lado, ao promover o diálogo como compromisso de amor, a Campanha da Fraternidade lembra que são os cristãos os primeiros a ter que dar exemplo, começando pela prática do diálogo ecumênico. Certos de que «devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos», no diálogo ecumênico podemos verdadeiramente «abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, n. 244). É, pois, motivo de esperança, o fato de que este ano, pela quinta vez, a Campanha da Fraternidade seja realizada com as Igrejas que fazem parte do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC).

Desse modo, os cristãos brasileiros, na fidelidade ao único Senhor Jesus que nos deixou o mandamento de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou (cf. Jo 13,34) e partindo «do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade» (Carta Enc. *Fratelli tutti*, n. 271). A fecundidade do nosso testemunho dependerá também de nossa capacidade de dialogar, encontrar pontos de união e os traduzir em ações em favor da vida, de modo especial, a vida dos mais vulneráveis.

Desejando a graça de uma frutuosa Campanha da Fraternidade Ecumênica, envio a todos e cada um a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 17 de fevereiro de 2021

Francisco



Objetivo: promover diálogos a partir da realidade educativa do Brasil, à luz da fé cristã. Bem como propor caminhos em favor do humanismo integral e solidário.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2022

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Ao iniciarmos a caminhada quaresmal de conversão rumo à celebração do Mistério Pascal de Cristo, nos dispomos a ouvir o chamado de Deus que deseja conduzir-nos, através das práticas penitenciais do jejum, da esmola e da oração, ao encontro pessoal e renovador com o Ressuscitado, em que temos a verdadeira vida e do qual devemos ser fiéis testemunhas.

Para auxiliar os fiéis nesse percurso de encontro, a Igreja no Brasil propõe à reflexão de todos, na Campanha da Fraternidade deste ano, o importante tema da relação entre “Fraternidade e Educação”, fundamental para a valorização do ser humano em sua integralidade, evitando a “cultura do descarte” – que coloca os mais vulneráveis à margem da sociedade – e despertando-o para a importância do cuidado da criação.

Efetivamente, ao olhar para a sociedade hodierna, percebe-se de maneira muito clara a urgência em adotar ações transformadoras no âmbito educativo a fim de que tenhamos uma educação promotora da fraternidade universal e do humanismo integral, como recordado no convite para um Pacto Educativo Global: “Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna” (Mensagem, 12/IX/19).

Ao mesmo tempo que se reconhece e valoriza a responsabilidade dos governos na tarefa de auxiliar as famílias na educação dos filhos, garantindo a todos o acesso à escola, deve-se igualmente reconhecer e valorizar a importante missão da Igreja no âmbito educativo: “As religiões sempre tiveram uma relação estreita com a educação, acompanhando as atividades religiosas com as educativas, escolares e acadêmicas. Como no passado, também hoje queremos, com a sabedoria e a humanidade das nossas tradições religiosas, ser estímulo para uma renovada ação educativa que possa fazer crescer no mundo a fraternidade universal” (Discurso, 5/X/21).

Desejo de todo o coração que a escolha do tema “Fraternidade e Educação” torne-se causa de grande esperança em cada comunidade eclesial e de efetiva renovação nas escolas e universidades

católicas, a fim de que, tendo como modelo de seu projeto pedagógico a Cristo, transmitam a sabedoria educando com amor, tornando-se assim modelos desta formação integral para as demais instituições educativas.

Desejo igualmente, queridos irmãos e irmãs, que o itinerário quaresmal, iluminado pela reflexão proposta, seja ocasião de verdadeira conversão e que as sementes lançadas ao longo deste caminho encontrem nos corações dos fiéis a boa terra onde possam frutificar em ações concretas a favor de uma educação integral e de qualidade.

Confiando estes votos aos cuidados de Nossa Senhora Aparecida e como penhor de abundantes graças celestes que auxiliem as iniciativas nascidas a partir da Campanha da Fraternidade, concedo de bom grado a todos os filhos e filhas da querida nação brasileira, de modo especial àqueles que se empenham por uma educação mais fraterna, a Bênção Apostólica, pedindo que continuem a rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 10 de janeiro de 2022.

Franciscus



Objetivo geral: “sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo”.

Mensagem do Papa Francisco para a CF 2023

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Todos os anos, no tempo da Quaresma, somos chamados por Deus a trilhar um caminho de verdadeira e sincera conversão, redirecionando toda a nossa vida para Ele, que “amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Ao preparar-nos para a celebração dessa entrega amorosa na Páscoa, encontramos na oração, na esmola e no jejum, vividos de modo mais intenso durante este tempo, práticas penitenciais que nos ajudam a colaborar com a ação do Espírito Santo, autor da nossa santificação.

Com o intuito de animar o povo fiel nesse itinerário ao encontro do Senhor, a Campanha da Fraternidade deste ano propõe que voltemos o nosso olhar para os nossos irmãos mais necessitados, afetados pelo flagelo da fome. Ainda hoje, “milhões de pessoas sofrem e morrem

de fome. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos. Isto constitui um verdadeiro escândalo. A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável” (Discurso no encontro com os Movimentos Populares, 28/X/2014).

A indicação dada por Jesus aos seus apóstolos “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16) é dirigida hoje a todos nós, seus discípulos, para que partilhemos — do muito ou do pouco que temos — com os nossos irmãos que nem sequer tem com que saciar a própria fome. Sabemos que indo ao encontro das necessidades daqueles que passam fome, estaremos saciando o próprio Senhor Jesus, que se identifica com os mais pobres e famintos: “eu estava com fome, e me destes de comer... todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25, 35.40).

É meu grande desejo que a reflexão sobre o tema da fome, proposta aos católicos brasileiros durante o tempo quaresmal que se aproxima, leve não somente a ações concretas — sem dúvida, necessárias — que venham de modo emergencial em auxílio dos irmãos mais necessitados, mas também gere em todos a consciência de que a partilha dos dons que o Senhor nos concede em sua bondade não pode restringir-se a um momento, a uma campanha, a algumas ações pontuais, mas deve ser uma atitude constante de todos nós, que nos compromete com Cristo presente em todo aquele que passa fome.

Desejo igualmente que esta conscientização pessoal ressoe em nossas estruturas paroquiais e diocesanas, mas também encontre eco nos órgãos de governo a nível federal, estadual e municipal, bem como nas demais entidades da sociedade civil, a fim de que, trabalhando todos em conjunto, possam definitivamente extirpar das terras brasileiras o flagelo da fome. Lembremo-nos de que “aqueles que sofrem a miséria não são diferentes de nós. Têm a mesma fome e sangue que nós. Por isso, merecem que não a deixamos socorra e ajude, de modo que ninguém seja deixado para trás e, no nosso mundo, a fraternidade tenha direito de cidadania” (Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação, 16/X/2018, n. 7)

Confiando estes votos aos cuidados de Nossa Senhora Aparecida e como penhor de abundantes graças celestes que auxiliem as iniciativas nascidas a partir da Campanha da Fraternidade, concedo de bom grado a todos os filhos e filhas da querida nação brasileira, de modo especial àqueles que se empenham incansavelmente para que ninguém passe fome, a Bênção Apostólica, pedindo que continuem a rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 21 de dezembro de 2022.